MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALE
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS

MARIA SINÉSIA NOLASCO DOS SANTOS VINCHIGUERRA

A SAGA ROMANESCA EM *SILVINO JACQUES*, DE BRÍGIDO IBANHES

DOURADOS
2014

MARIA SINÉSIA NOLASCO DOS SANTOS VINCHIGUERRA

A SAGA ROMANESCA EM *SILVINO JACQUES*, DE BRÍGIDO IBANHES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – área Literatura e Práticas Culturais, da Faculdade de Comunicação Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof.ª Drª Alexandra Santos Pinheiro.

DOURADOS
2014

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD) – Membro Titular (Orientador)

Assinatura

Profº. Drº. Antonio Donizeti da Cruz (UNIOESTE) – Membro Titular

Assinatura

Profº. Drº. Paulo Bungart Neto (UFGD) – Membro Titular

Assinatura

Profº. Drº. Neurivaldo Campos Pedroso Junior (UFRGS) – Membro Suplente

Assinatura

Dourados- MS, 27 de março de 2014.

AGRADECIMENTOS

A minha família, pelo apoio e compreensão dispensados durante a escrita desta dissertação.

A minha orientadora, a Professora Drª. Alexandra Santos Pinheiro, a quem eu já admirava enquanto profissional e a quem também passei a admirar como pessoa, pela confiança no meu trabalho, compreensão nos momentos difíceis e, acima de tudo, por ter exigido o máximo de mim.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Literatura e Práticas Culturais, por todos os ensinamentos, diálogos, apoio e carinho recebidos nesta jornada.

Aos colegas, professores de literatura e ao corpo administrativo das escolas da rede estadual de ensino médio, onde socializo meus conhecimentos profissionais, bem como aos meus alunos, pelo apoio e estímulo cotidianos, que me foram dispensados desde o ingresso no Programa de Pós-Graduação.

Aos professores Drº. Paulo Bungart Neto, da UFGD, e Drº. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior, da UFRGS, por terem aceitado e pelas contribuições no Exame de Qualificação desta Dissertação

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar, dedico este trabalho ao próprio trabalho que represento como mulher professora, esposa e mãe, em tempo integral.

A minha família numerosa, ao esposo Leomar, aos meus filhos, astros iluminadores – João Paulo e Luiz Felipe.

Aos que participaram, envolvendo-se não somente com palavras de apoio, mas particularmente pela contribuição concreta: professor Paulo Nolasco, pela indicação e aquisição de fontes bibliográficas; professora Maria de Lourdes Ibanhes, pelo diálogo e preciosas indicações de leituras.

Nasci mulher. A feminilidade expressa [...] me faz fantasiar com figuras romanescas nascidas da história e das lendas: sou princesa, esfinge, árvore, flor, pedra, nuvem, infanta, castelã, monja...
Raquel Naveira.
Quarto de artista (2013)

VINCHIGUERRA, Maria Sinésia Nolasco dos Santos. *A saga romanesca em **Silvino Jacques** de Brígido Ibanhes.* 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade principal abordar a narrativa literária ***Silvino Jacques: O último dos bandoleiros***, de Brígido Ibanhes, que embaralha gêneros literários, misto de relato histórico e prosa poética e/ou ficcional. A abordagem constitui-se da análise dos planos de enunciado e de enunciação da obra, compreendendo-se, por isso, a tessitura textual e a consequente leitura do tema segundo a trama do narrador protagonista, Silvino Jacques, que é visto como personagem herói / anti-herói da saga romanesca. Para tanto, a perspectiva metodológica busca elaborar uma reflexão subsidiada no campo da literatura comparada, particularmente em textos teórico-críticos da historiografia e da teoria literárias, pois que busca, assim, recuperar a trajetória literária e cultural de um tema com ampla projeção na literatura ocidental, articulado à interculturalidade regional da fronteira Brasil *versus* Paraguai em destacado diálogo com diferentes lugares culturais. Trata-se, enfim, de uma construção de leitura amparada pela prática da intertextualidade, pois, o próprio *corpus* de análise, provém do diálogo com um texto anterior, as ***Décimas Gaúchas***, atribuídas ao “bandoleiro” Silvino Jacques, e ligado ao cancioneiro popular.

Palavras-chave: Brígido Ibanhes; Silvino Jacques; bandoleiro; saga romanesca; décimas gaúchas; fronteiras.

.

ABSTRACT

This work has as its main purpose to address the literary narrative *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros* by Brígido Ibanhes, which shuffles literary genres, as a mixture of historical account and poetic and / or fictional prose. The approach consists of the analysis of the stated and enunciation plans of the composition, understanding, therefore, the textual tessitura and the consequent reading of the theme according to protagonist narrator plot, Silvino Jacques, who is seen as a hero / anti-hero character of the Romanesque saga. For both, the methodological perspective seeks to elaborate a reflection subsidized in the field of comparative literature, particularly in theoretical and critical texts of historiography and literary, since search thus retrieve the literary and cultural trajectory of a subject with wide projection in Western literature, articulated to the regional interculturality of Brazil vs. Paraguay border in highlighted dialogue with different cultural places. It is, ultimately, a construction of reading bolstered by the practice of Intertextuality, as the own corpus of analysis, comes from the dialogue with a previous text, *Décimas Gaúchas*, assigned to the "brigand" Silvino Jacques, and linked to the popular Songbook.

Keywords: Brígido Ibanhes; Silvino Jacques; brigand; romanesque saga; *Décimas Gaúchas;* borders.

.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....09

CAPÍTULO I:

BRÍGIDO IBANHES: VIDA E OBRA DE UM ESCRITOR FRONTEIRIÇO..... 16

1.1- Breve histórico: entre a vida e a obra de Brígido Ibanhes.....17

1.2- Brígido Ibanhes: um escritor sul-mato-grossense.....25

CAPÍTULO II:

LITERATURA E HISTÓRIA: A SAGA ROMANESCA EM *SILVINO JACQUES*: *O ÚLTIMO DOS BANDOLEIROS*.....35

2.1 - Na encruzilhada, ou a passagem como mediação.....37

2.2 - A saga romanesca do bandoleiro da fronteira.....43

2.3 - *Décimas gaúchas*: a poética de Silvino Jacques no romance de Brígido Ibanhes.....47

CAPÍTULO III:

***SILVINO JACQUES* OU A CRÔNICA DO HERÓI BANDOLEIRO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI** 61

3.1 - Silvino Jacques: bandoleiro e matador por predestinação.....62

3.2 - Silvino Jacques segundo Brígido Ibanhes: o último dos bandoleiros.....71

3.2.1 - Silvino Jacques: herói ou anti-herói.....73

3.2.2 - As antifaces do personagem protagonista, ou a crônica de Silvino Jacques.....80

3.2.3 - A saga do herói / anti-herói, ou universo do tema “Silvino Jacques”...97

CONSIDERAÇÕES FINAIS 111

REFERÊNCIAS.....115

ANEXOS.....123

INTRODUÇÃO

La incertidumbre de unos (los historiadores) ha permitido la aventura creativa de otros (los novelistas), pero también un "beneficio de la duda" saludable entre los dueños de tantas certidumbres. El discurso problemático y polisémico de ambas y el consiguiente espacio de liberdad ganado, con las consiguientes interrogantes que toda emancipación conlleva, alimentan sin embargo lo mejor de una creación tan desmitificadora como variada, porque como ya lo escribiera hace más de doscientos años Concolocorvo, el autor de *El lazarillo de ciegos camiantes*: "Supuesta, pues, la incertidumbre de la historia, vuelvo a decir, se debe preferir la lectura y estudio de la fábula, porque siendo ella parte de una imaginación libre y desembozada, influye y deleita más."[1] (AÍNSA, 1994, p. 3)

[1]Concolocorvo. *El lazarillo de ciegos caminantes*. *Apud* AINSA. Nueva novela histórica y relativización transdisciplinaria del saber histórico.

Tomamos esta citação em epígrafe como iniciais das reflexões introdutórias deste trabalho. Baseado na relação entre fato e ficção, o texto de Fernando Aínsa adensa e aprofunda a problemática dos estudos históricos e literários contemporâneos. Principalmente, sublinhe-se, na media em que as relações entre história e ficção começaram a perder seus contornos e constrangimentos disciplinares, abrindo-se para um horizonte mais profícuo na exploração da relativização transdisciplinar do saber histórico, bem como na "re-abilitação" do discurso literário, ficcional, ambos como produtores de sentidos e frutos da linguagem, esta como produto da interseção real *versus* realidade.[2]

Desta perspectiva, o presente trabalho visa a analisar a narrativa *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*, do escritor regionalista sul-mato-grossense Brígido Ibanhes, enfocando particularmente a "efabulação" que constitui esta narrativa, mais propriamente no que entendemos ser seu teor fundamental, ou seja, o elemento próprio e caracterizador de uma "saga romanesca", encapsuladora de todo o *corpus* de análise – o romance propriamente dito.

Na atualidade, a relevância do escritor Brígido Ibanhes, da fronteira Brasil–Paraguai, e sua variada obra literária, dentre as quais queremos destacar o último título, *Chão do Apa*: *contos e memórias da fronteira* (2010), constitui fato literário tão reconhecido ao ponto de a obra *Silvino Jacques* ter sido uma das indicadas ao concurso vestibular dos anos de 2011 e 2012, da Universidade Federal da Grande Dourados. Já na referida coletânea de contos, deparamos com o ilustrativo relato "Che retã", que emblematiza tanto a coletânea como um todo, na medida em que ele se deixa traduzir, *em guarani*, por "minha terra, minha

[2] Cf. AÍNSA. Nueva novela histórica y relativización transdisciplinaria del saber histórico.

aldeia” – *che retã*, como também e, principalmente, por indicar motivos de “pertencimento” do próprio escritor e dos sujeitos de suas narrativas. Escritor sul-–mato-grossense, Brígido Ibanhes nasceu na fronteiriça cidade belavistense – Bela Vista ou Bella Vista –, caudalosa cidade às margens do Rio Apa, separando Brasil e Paraguai, cuja história e cultura brotam em um chão fertilizado, transmutado em contos e memórias da fronteira, presentificados no próprio título daquela coletânea, cujas narrativas ilustram a densa e significativa produção de Brígido Ibanhes, escritor vivamente destacado dentre os demais da literatura sul-–mato-grossense.

A narrativa literária *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*, que nos interessa de modo particular, encontra-se mais uma vez no prelo, ou seja, encaminhando-se para a sua 7ª (sétima) edição, portanto, a mais divulgada e “mais comercializada” das obras literárias do autor e dentre as da literatura sul-–mato-grossense. Trata-se de narrativa cuja natureza demonstra características híbridas e de confluências de gêneros variados, de diversificadas formas e origens, embaralhando, por assim dizer, gêneros, misto de relato histórico e prosa poética e/ou ficcional. Do nosso ponto de vista, esta narrativa, *Silvino Jacques,* constitui hoje fonte de prazerosa e intensiva prática de leituras, o que pode ser avaliado principalmente pelas suas reedições e, somando-se a isso o número de homenagens que *Silvino Jacques* e seu próprio autor têm recebido.

Ainda do ponto de vista da pertinência desta abordagem, temos que destacar que a obra *Silvino Jacques* é marcada por um arrojado projeto arquitetônico, cuja matriz artístico-literária assenta-se sobre um enredo de complexa elaboração textual. Permite, ainda, problematizar, além das relações entre literaturas de fronteiras *grosso modo*, também a pulsante camada de

significações que envolvem o “contexto” da narrativa de *Silvino Jacques*, por um lado, e do entrecho de sua narração propriamente dita, por outro lado.

Assim, neste trabalho, propomos uma leitura da obra *corpus*, sob a perspectiva da verificação da natureza da narrativa, de um modo geral, e da narração em especial, uma vez que é sob este último aspecto que mais se evidencia a criatividade textual de Ibanhes, sobretudo no agenciamento de estratégias textuais propulsoras de um enredo rico e diversificado, pulverizador dos gêneros literários, em cujo entrecho alternam-se supostos depoimentos, imagens e iconografias da cena fronteiriça, lirismo e drama resultantes de um sujeito da escrita multifacetado, que não se inibe nas projeções de suas próprias vivências e testemunhos, ou seja, o foco principal de nosso objeto é frequentemente assinalado pela ostensiva presença de um narrador-protagonista, que se traveste no relato-depoimento do próprio autor. Recurso este fundamental no projeto de tornar verossímil a narrativa épica de *Silvino Jacques*.

Sobre tais aspectos constituem a natureza de nossa abordagem, sem menosprezar a crescente fortuna crítica acerca da obra em estudo, pois que o autor, Brígido Ibanhes, tem sido distinguido com algumas representativas pesquisas e estudos acadêmicos, como se observará no decorrer deste trabalho. Ao mesmo tempo em que somos tributários da leitura destes importantes e pioneiros estudos, procuramos realizar nossa leitura na diferença e afirmação de um *locus* particular, sobretudo, como já dissemos, pelo fato de convivermos proximamente com a obra em estudo, seja no sentido prático e didático, em sala de aula, seja pela proximidade com o seu autor, também um douradense “por adoção”, e membro da Academia Douradense de Letras, enfim, um nome que se podia dizer familiar.

Dito isto, salienta-se que a operacionalização deste trabalho assenta-se na confluência dos estudos sobre estratégias textuais, onde a explicação da narrativa ou teorias da narrativa ganha relevo no *corpus* desta dissertação. Portanto, a abordagem teórico-crítica se evidenciará, circunstanciada, em capítulo específico deste trabalho, com sua problematização ao longo dos capítulos da dissertação.

Por conseguinte, este trabalho, intitulado **A saga romanesca em *Silvino Jacques* de Brígido Ibanhes**, está organizado em três capítulos, além da introdução, das considerações finais, e anexos acrescentados à guisa de orientação da leitura textual.

O primeiro capítulo, intitulado "Brígido Ibanhes: vida e obra de um escritor fronteiriço", tem por objetivo principal circunscrever a figura do escritor regionalista sul-mato-grossense, autor da obra *corpus* desta pesquisa, enquanto relator da fronteira Brasil-Paraguai. Evocamos, em um primeiro momento, um breve quadro histórico de sua história de vida, situando-o no tempo e espaço. Em seguida, destacamos sua trajetória e produção literária. E, por fim, propomos formular uma discussão sobre o espaço desta literatura com visibilidade para historiografia regional.

No segundo capítulo, "Literatura e História: a saga romanesca em *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*", a nossa proposta é apresentar ao leitor considerações teórico-críticas a respeito dos estudos que envolvem a literatura enquanto fonte tematizadora de conteúdos da representação em si, ainda que avancemos nas modalidades discursivas da história e da literatura. Deste modo, Sandra Pesavento (2006), Suzy Sperber (2009), González (1997), Hugo Achugar (2006), entre outros, servem como embasamento para este estudo. No caso do

romance *Silvino Jacques*, estabelecemos uma relação entre o caráter prosaico do relato histórico e a prosa ficcional, levando em consideração os versos escritos pelo próprio narrador-protagonista, Silvino Jacques, no texto base *Décimas gaúchas,* originariamente publicado em 1978. Assim, o capítulo interpola e identifica dados históricos na narrativa de Brígido Ibanhes, ultrapassando a evidente descrição em forma de relato do escritor, mas, acima de tudo, reconhecendo no conteúdo literário a mescla entre construção do relato histórico e ficcional.

Consequentemente, no terceiro e último capítulo, "*Silvino Jacques,* ou a crônica do bandoleiro da fronteira Brasil-Paraguai", percorremos a trajetória de Silvino Jacques e a construção de sua figura popularizada ora como herói, ou anti-herói, bandoleiro inescrupuloso. Deste modo, pretendemos trazer à luz discussões acerca da temática do Herói e do Anti-herói na literatura e, assim, analisarmos o perfil da personagem e seu valor para a composição da história local, que pode, inclusive, alcançar projeções nacionais e internacionais.[3] O sujeito fronteiriço canta a nação como refúgio do mundo, apesar da influência do entre-lugar cultural que compõe sua *bios*. O chão cultural de Silvino Jacques equipara-se ao *locus* de enunciação do escritor Brígido Ibanhes, tornando, assim, a saga do último dos bandoleiros a representação do local da cultura sul-mato-grossense, ou seja, da interculturalidade fronteiriça.

Portanto, damos relevância mais do que à obra *Silvino Jacques*, mas, também, e principalmente, à importância desta obra de Brígido Ibanhes no contexto regional e ao seu papel enquanto intelectual que, de forma artístico-

[3] Vide, ainda, os documentos anexos ao final deste trabalho, relevantes para a comprovação (documentada) sobre a trajetória biográfico-literária de Silvino Jacques.

–literária, cunha na pedra da história do Mato Grosso do Sul a importância da saga jacquesiana. Além disso, o romance releva as relações interculturais fronteiriças, que naturalmente compõem a cultura sul-mato-grossense.

CAPÍTULO I

BRÍGIDO IBANHES: VIDA E OBRA DE UM ESCRITOR FRONTEIRIÇO

> Para Brígido Ibanhes, ex-bancário, pesquisador, poliglota, que domina o português e o guarani, como línguas nativas, torna-se mais fácil adentrar-se na alma dos personagens fronteiriços para recriar, por meio da memória e da linguagem, fatos, comportamentos, tradições, mitos e contradições, que constituíram e ainda constituem a base histórico-cultural das identidades fronteiriças, que se formam nas duas margens do Rio Apa. (ROSA ; NOGUEIRA, 2011)

1.1 Breve histórico: entre vida e obra de Brígido Ibanhes

Nascido em território paraguaio, o autor do romance de *Silvino Jacques* recebeu como nome de batismo Brígido Rafael Ibanhes, referência jamais encontrada em sinopses de sua obra e carreira artística, tendo se "constituído" como *persona* social, cidadão brasileiro e reconhecido como escritor pelo reduzido nome de Brígido Ibanhes. Fato que, por si só, aliado ao local de seu nascimento, a cidade de "Bella Vista", insurge-se como produtiva metonímia da vida e da literatura do escritor. Com esta constatação inicial, relevante para a abordagem que empreenderemos no corpo deste trabalho, torna-se natural evocar aspectos mais importantes acerca da bio/bibliografia do escritor.

Assim, Brígido Ibanhes nasceu na rua Jatayty-Corá, em Bella Vista Norte (PY), em 8 de outubro de 1947, filho de Aniceto Ibanhes e Affonsa Cristaldo de Ibanhes. O autor conta com orgulho que, dois meses antes do seu nascimento, Guimarães Rosa esteve a passeio nas imediações de sua casa, e deixou suas impressões sobre a pequena cidade paraguaia e, posteriormente, no próprio Brígido. O escritor sul-mato-grossense é filho de brasileiros que se refugiaram no país vizinho por conta da perseguição do bandoleiro Silvino Jacques. Foi registrado em Bela Vista, Brasil, onde passou a estudar a partir do segundo ano primário. Aos dez anos, ingressou no Seminário Redentorista, em Ponta Grossa-–PR, onde teve acesso à literatura clássica nacional e internacional. Além do guarani, espanhol e português, aprendeu o inglês, o francês, o latim, o grego e teve noções de italiano. Aos doze anos ganhou seu primeiro concurso literário

com o poema “Noite Cigana”[4]. O primeiro livro publicado foi *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*, lançado em 1986, na cidade de Sidrolândia - MS. Esta obra constitui o *corpus* central desta dissertação. Antes, porém, devemos observar a extensa e rica produção literária de Brígido, da qual se registra um amplo acervo de obras, e, principalmente, de diversificada produção em diferentes gêneros literários. A própria obra *Silvino Jacques* poderia mostrar-se como emblemática na apropriação e absorção de estilos e gêneros os mais diversos, o que tem frequentemente gerado confusões e desafios aos estudiosos e críticos da obra do escritor, na difícil tarefa de escrutinar a natureza polimorfa de seus textos, *grosso modo.*

Em decorrência da publicação de *Silvino Jacques*, em 1986, Brígido passou a viver constrangimentos vários e a sofrer ameaças. Por isso, o escritor teve seu nome e pessoa protegidos pelo *Pen Club Internacional*, a partir de 1992, por ocasião do 58º Congresso Internacional e Escritores, na cidade do Rio de Janeiro.

O livro seguinte, publicado pelo escritor foi *Che Ru, o pequeno brasiguaio, a integração de um povo* (memórias da infância do autor) (1988), em seguida apareceu *A morada do arco-íris – maior tesouro das Américas* (2006), (trata da experiência de Ibanhes em uma pesquisa antropológica e contém o relato sobre óvnis), logo após *Kyvy Mirim – a lenda do pé de tarumã e do Pombero* (1997), seguido de *Ética na política – entre o sonho e a realidade* (2002), o romance *Martí, sem a luz do teu olhar* (2007) (este também com marcada presença do biográfico, haja vista que o autor baseia-se na experiência que teve com a

[4] Cf. Posfácio. In: IBANHES, 2007a.

doença de sua mulher)[5]. Por último, em 2010, Brígido publica *Chão do Apa – contos e memórias da fronteira*.

Há que observar, dentre esses títulos, que a obra *Kyvy Mirim* é a única dentre todas a não fundamentar seu relato em fatos reais, pois as demais obras têm como caracterização o registro e forte matização de ambientes e fatos tomados emprestados à vida real. Como é o caso da primeira obra publicada, *Silvino Jacques*. Sua caracterização torna-se decisiva e ponto de partida para a discussão da figura do herói/bandoleiro Silvino Jacques, personagem protagonista da obra homônima (*Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*) de Ibanhes.

Apesar de Brígido afirmar que esta narrativa encerra uma proposta de romance histórico, este aspecto será discutido em capítulo particular, tendo em vista nossa suspeita e uma já constatada discordância crítica em relação à natureza híbrida, polimorfa, desta obra, e, consequentemente, de sua proposta "romanesca". Mesmo apresentando como real propósito a simples busca de contar a "verdade dos fatos", tal afirmação deverá ser recebida com cautela, sobretudo em virtude de alguns aspectos já reveladores da hibridização no entrecho da narrativa, como, por exemplo, a ampla recorrência da presença de elementos textuais, ou melhor, da paratextualidade que findam, estabelecendo sérias "confusões" no deslindamento do caráter romanesco de *Silvino Jacques*. Principalmente, se consideramos a natureza deslizante no que tange ao papel da representação literária, e da arte contemporânea como um todo, num dilema que se acentua na alegação de Brígido ao prometer contar a verdade dos fatos que,

---

[5]Sobre *Martí*, o texto de "apresentação" destaca características singulares: "(...) é obra que escava profundamente a condição de marginalidade e de fatalidade das ruas e periferias da cidade [de Dourados]. Em tudo e por tudo a obra mimetiza o banal e a trivialidade, a pobreza e a violência física ou simbólica que cresce com os ajuntamentos urbanos. (...). Uma característica singular deste livro (...) diz respeito à natureza semovente da narrativa, resistente aos rótulos e gêneros textuais como convencionalmente se explicavam os textos literários" (IBANHES, 2007b, p. 5-6).

segundo ele próprio, leia-se: “(...) com o tempo foram se transformando em lenda, ultrapassando os limites da compreensão racional da própria história” (IBANHES, 2007b, p. 14). Questão esta relevante na medida em que a verificação das relações entre literatura e história, e em particular a problemática dos limiares entre gêneros discursivos, com ênfase nos limiares e transições, poderá trazer maior iluminação àquilo que aparentemente poderia ser referido como elemento factual e não ficcional. A partir de uma perspectiva binária, impor-se-ia uma resolução de difícil sustentação, contemporaneamente, em nível teórico-crítico.

De fato, constata-se, desde logo, tratar-se a narrativa *Silvino Jacques* de obra robustecida pelo regionalismo sul-mato-grossense, da fronteira Brasil–Paraguai, assim, em uníssono às origens da infância de Brígido, que busca no tema do bandoleiro da fronteira a essência e conteúdo cultural que forma a identidade da região, tanto na questão da linguagem – a mistura portunhol/guarani – quanto na questão dos costumes, retrato fiel de uma época, quando “a lei era a do quarenta e quatro”[6] e a população se estabelecia com a vinda de migrantes gaúchos e de outras partes do país, bem como de paraguaios, pois, de fato, é o Apa, rio feiticeiro, que, de acordo com o próprio Ibanhes “(...) serve de divisa entre Brasil e o Paraguai, apenas como referência geográfica, porque os habitantes da fronteira se misturavam de tal forma que formavam raça e cultura própria, (...)” (IBANHES, 2007, p. 31). Como observam Santos e Buscioli, é constitutivo do regionalismo local o dialogismo que matiza a cor local através da história, da literatura, da ficção e elementos regionais advindos tanto das culturas emissoras quanto das receptoras, pois:

---

[6] Referência ao tipo de arma utilizada pelos bandoleiros na época em que viveu Silvino Jacques e que aparece várias vezes ao longo da narrativa de Brígido Ibanhes.

> A literatura que se origina nas regiões fronteiriças, em especial a da região sul-mato-grossense, assinala dupla ambiguidade: contraponto entre as culturas emissoras e receptoras, e recentemente a do diálogo que se estabelece dentre as cultuas novas, que se originaram da contaminação e continuam a interagir por meios de contatos e trocas ininterruptas (SANTOS; BUSCIOLI, 2004, p. 12).

Neste contexto, é relevante salientar, em relação à narrativa *Silvino Jacques*, um de seus aspectos mais expressivos, ou seja, é considerado pelo autor o livro mais comercializado no Estado de Mato Grosso do Sul.[7] Também, em estreita ligação com este fato, podemos dizer que, com o passar dos anos, a história de Silvino Jacques "cresceu", uma vez que o autor foi acrescentando novas informações, confirmando a avaliação de que a própria história, ou saga romanesca, está sempre em constante mutação. Vejamos: lançada pela primeira vez em 1986, com 101 páginas, e já na sexta edição, em 2011, com 357 páginas, sua segunda edição é de 1995, com 330 páginas; a terceira edição é de 1977, com 276 páginas; a quarta edição é de 2003, com 252 páginas, e a quinta é de 2007, com 245 páginas. Fato incomum é que tais edições diferem em número de páginas por diversos motivos: pela disposição dos capítulos, quantidade de fotografias e/ou imagens utilizadas, e quantidade de documentos apresentados e compulsados pelo autor.

Sem dúvida, *Silvino Jacques* é a obra das mais representativas dentre todas as de Brígido Ibanhes, e não menos significativa para a literatura sul-mato-grossense, a literatura do Oeste brasileiro, sobremodo enquanto texto periférico das culturas marginais latino-americanas. À época de seu lançamento, o jornal

---

[7] Informação de um dos veículos de comunicação do escritor na *Internet.* Disponível em: http://matulacultural.wordpress.copm/2010/06/05/entrevista-brigido-ibanhes-um-pais-chamado-fronteira/. .Acesso em: 31 jan. 2013. Nesta entrevista, o escritor Ibanhes afirma que até a 5ª edição da obra já havia feito uma tiragem de oito mil exemplares.

campo-grandense *Diário da Serra*, em 03/02/1987, publicou nota digna de referência e lembrança neste momento:

> Pensando resgatar parte da Cultura Regional, o bancário e escritor Brígido Ibanhes, após anos de levantamento e pesquisas, acabou escrevendo e editando o livro. O que buscava ser, como interpreta o poeta Lopes Lins, "retrato de uma Época Convulsionada", acabou virando caso de justiça. A situação embaraçosa do autor, Brígido Ibanhes, começou já na preparação do lançamento da obra, quando passou a receber ameaças das mais diversas formas. As ameaças foram estendidas até mesmo a um velho dono de banca em Campo Grande alertando para que não mais vendesse "aqueles livros". Quando do lançamento dos livros foi preciso que a policia montasse guarda ostensiva no local, já que havia ameaças de violências durante o lançamento para a tomada dos livros (*apud* IBANHES, 2011, p. 2).

O *quiproquó* envolvendo a figura da personagem-protagonista do romance de Brígido Ibanhes, que, menosprezado o espectro de emaranhamentos entre o escritor (misto de *alter ego* do autor), Silvino Jacques e os familiares seriam herdeiros deste. Outra proximidade está na condição de "sujeito com problemas com a justiça". Salta aos olhos a peculiaridade do tema jacquesiano, que tem sido objeto de interesse de vários pesquisadores, inclusive de roteiristas de cinema. Aliado a isto, registra-se o fato de que a personagem do escritor Brígido Ibanhes, Silvino Jacques, foi, na verdade, um indivíduo cidadão, pessoa real, que deixou sua história na fronteira, tendo inclusive representativo papel na política, à sua época, pois fora convocado por Prestes, ou membro da Coluna Prestes, para participar da Intentona, lutando na Revolução. Este parágrafo consta tanto em *Silvino Jacques*, de Ibanhes, quanto no livro-documentário *Pão, terra e liberdade: memória do movimento comunista de 1935,* organizado por Marly Vianna, onde está reunida extensa documentação sobre o movimento e correspondências de Luis Carlos prestes, anotando-se ali que, além de aceitar entrar no movimento,

Jacques "(...) carneava seu gado e entregava suprimentos do seu comércio. Quando a revolta fracassou, ele ficou a zero, e pior, ninguém podia lhe pagar o prejuízo" (IBANHES, 2007b, p. 100). Já no documento de número 22, denominado "informe Mato Grosso", também de Vianna (1995, p. 115-116), encontra-se o seguinte: "Convém salientar que Silvino teve grande prejuízo, dando quase toda a sua mercadoria para as famílias dos camponeses que iriam nos acompanhar, além disso, vendeu uma boiada com prejuízo de sua parte, para no dia 30 estar completamente livre para o movimento." Reconhece-se, assim, ser Silvino Jacques uma personagem que, sem dúvida, já logrou representativa fortuna crítica, em contraponto ao livro e Ibanhes: além da dissertação de mestrado e da tese de doutorado de Maria de Lourdes de Ibanhes (2008; 2013), tem-se a dissertação de Arnor Ribeiro (2011), mais o texto de uma peça de dramaturgia de Paulo Correa de Oliveira[8] e um *site* na *Internet*, gerenciado pelo neto do bandoleiro, Gerson Jacques[9].

Disso decorre a profundidade e longevidade do tema romanesco de Brígido Ibanhes. O que equivale a dizer que estamos diante de um escritor cuja criatividade é fruto de investimento e pesquisa, revirando arquivos, concretos e materiais ou puramente de testemunho e ouvido. O fato concreto que nos interessa repercutir, neste momento, diz respeito ao legado intelectual do escritor, que, além da produtiva lista de obras literárias que já o consagraram como escritor sul-mato-grossense, tem significativa e selecionada produção ensaística, que, na condição de crítico cultural, tem lhe garantido lugar de destaque na

---

[8] A produção da peça é de Paulo Correa de Oliveira, no ano de 1984, é registrada no livro *História da arte em MS*: histórias de vida, de Maria da Glória Sá Rosa, Idara Duncan Rodrigues e Maria Adélia Menegazzo.

[9] Cf. Silvino Jacques, o Mito. Disponível em: http://www.selvinojacques.com/. Acesso em: 13 maio 2012.

Academia Douradense de Letras, seja como membro atuante, seja como Presidente desta agremiação[10]. Dentre os seus trabalhos ensaísticos, queremos destacar dois textos-base de sua trajetória intelectual. O primeiro, de estrito conhecimento, intitula-se "Meu Adeus a um Matador" (2000), texto seminal enquanto suporte teórico-crítico do qual nos valeremos mais adiante. O segundo texto, intitulado "Literatura Sul-mato-grossense – O Estado das Fronteiras"[11], mantém igual teor crítico e perspicácia no entendimento do "lugar" do escritor sul-mato-grossense e da cultura fronteiriça do Estado, que também dará suporte à nossa investigação, já ao retomarmos a análise acerca da literatura regional sul-mato-grossense, no próximo subitem deste capítulo.

Resta acrescentar um outro texto bastante alentado de Brígido Ibanhes, intitulado "Elo entre culturas e tradições híbridas da fronteira", recentemente publicado na coletânea de ensaios de escritores e críticos sul-mato-grossenses, sob o título de *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores* (2011), organização das professoras Maria da Gloria Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira, com preciosa apresentação do professor e crítico goiano José Fernandes.

---

[10] Cf: www.brigidoibanhes.rg3.net

[11] Texto publicado na *Internet.* Disponível em http://www.midiamax.com/pontodevista/?pon_id=627 Acesso em: 10 jan. 2013.

1.2 Brígido Ibanhes: um escritor sul-mato-grossense

> Portanto, uma literatura, que se diga sul-matogrossense, tem que refletir todas essas especificidades sociais, míticas, geográficas e culturais. "*Selva Trágica*", do escritor paulista Hernani Donato, publicado em 1959, trabalha os costumes na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, no universo da exploração da erva-mate pelo consórcio da Companhia Mate Laranjeira, e do próprio homem através de um regime de escravidão. Em 1971, o corumbaense Ulisses Serra publica "*Camalotes e Guavirais*", um misto de colóquio, de causos, em prosa um tanto poética muitas vezes, e que registra memórias de uma Campo Grande de antigamente. E falando em antigamente, o pontaporãense Astúrio Monteiro de Lima, em 1978, publica "*Mato Grosso de Outros Tempos*", em que relata muitos confrontos havidos naquela fronteira, apesar dos pesares. (...) Todas estas publicações traduzem, no estilo conhecido, à época, como erudito, que aprenderam nos bancos das escolas, a identidade desta região sul do antigo Mato Grosso, portanto, preenchem as características iniciáticas de uma literatura regionalista. Faltava-lhes, no entanto, como ao renomado político Vespasiano Martins, e outros, a linguagem genuinamente popular, característica fundamental para a identidade literária de uma região.[12]

A epígrafe acima, citação do escritor Brígido Ibanhes, apresenta algumas informações sobre o que já se produziu no estado do Mato Grosso do Sul em se tratando de apontamentos cujas abordagens consideram aspectos locais – artísticos, históricos e geográficos. Até bem pouco tempo, discutia-se se de fato existia ou não uma literatura específica, ou local, como a sul-mato-grossense. Como já parece ser um consenso a respeito da real existência de literaturas locais como a nossa, por outro lado, ainda parece ser muito oportuno discutir o modo de

[12]Cf. Brígido Ibanhes. *Literatura Sul-Matogrossensse*: o estado das fronteiras. Disponível em: http://www.midiamax.com/pontodevista/?pon_id=627 Acesso em: 10 jan. 2013.

como ensinar, com maior justeza crítica, tais literaturas.[13] Isso, em realidade, constitui uma chamada para os estudos de natureza interculturais, principalmente em nossa região fronteiriça. Como se tem observado registra-se significativa produção literária, riqueza em artes plásticas que, nesta região (Ponta Porã, Aral Moreira, Caarapó, Amambaí e Coronel Sapucaia) constituem os *corporas* regionais; haja vista uma herança provinda de imigrantes de toda parte, e foco de projetos colonizadores que redundaram em efervescência cultural, como ocorreu, por exemplo, com a cultura da erva mate e as atividades da Companhia Mate Laranjeira. Em especial aos estudos interculturais, sobressaem projetos e empreendimentos científicos voltados ao mapeamento das questões culturais inerentes aos países fronteiriços no Cone Sul – integrando, no nosso caso, o Paraguai –, repensando-se, assim, parâmetros de natureza geográfica, histórico-política ou sociológica. Inclusive, com a criação de geoparques de grande "investimento" em pesquisa, recursos humanos e técnicos. De fato, a partir da epígrafe de Ibanhes, confirmada pela vasta abrangência do projeto literário deste autor da fronteira do Brasil com o Paraguai, há que sinalizar o otimismo e as expectativas favoráveis ao desenvolvimento dos estudos literários e interculturais em nossa região.[14]

Assim, a nosso ver, o último livro do escritor, *Chão do Apa – contos e memórias da fronteira, como um todo* (2010), como um todo permite a

---

[13]Remetemos o leitor para o ensaio mais recente a respeito da constituição identitária da literatura sul-mato-grossense. Trata-se do capítulo "A literatura sul-mato-grossense: intermediação do lugar", de autoria do professor e pesquisador sul-mato-grossense Paulo Nolasco dos Santos. Visando ilustrar a discussão, transcrevemos esta passagem do autor: "Dentro dessa perspectiva, nosso enfoque procura verificar algumas figurações do elemento literário a partir do *topos* de um lugar específico, ainda que entendido como produtor de literatura regionalista, levando em conta a crítica dessa literatura, mas sem deixar de considerar que a abordagem de uma literatura batizada sob tal rótulo resulta, ainda hoje em dia, eivada de preconceitos, que surgem frequentemente do desejo de separar e catalogar textos" (SANTOS, 2011, p. 17-18).

[14]Cf. neste sentido, o significativo artigo "Uma trajetória de pesquisa: A literatura no extremo oeste do Brasil", de SANTOS (2005), publicado na *Revista Cerrados.*

constatação emblemática dentre as narrativas que hoje chamam a particular atenção do pesquisador de literatura sul-mato-grossense. Pois, nele observa-se, segundo o próprio Brígido Ibanhes :

> A fronteira como minha pátria e lugar lúdico da minha infância. *Chão do Apa* abrange tanto o território paraguaio como o brasileiro, numa sintonia, muitas vezes, a que só o fronteiriço é capaz de se adaptar. Tradições, linguajar, tudo reforça para que essa região seja singular, e que se perceba que a fronteira delimitada pelo rio, está apenas nos mapas; ela não existe em nosso sangue, muito menos em nossas emoções. Quem não gosta de uma sopa paraguaia e de arrastar o pé ao som da Mercedita? Uma homenagem, a que jamais eu poderia me furtar, ao meu torrão natal. Através de contos e estórias revelo toda a força da cultura fronteiriça, de antigamente.[15].

O que, paralelamente, caminha em sintonia com a perspectiva crítica para o nosso subcontinente, como sublinha Hugo Achugar, por exemplo, ao direcionar o foco para o discurso crítico latino-americano, em sua particular abordagem das culturas periféricas, no consagrado livro *Planetas sem boca* (2006):

> Em uma espécie do limbo ou de fronteira entre o ser e o não-ser. Por ser latino-americano, mas, ao mesmo tempo, não ser indígena nem negro ou afro-latino-americano [...] uma das formas de ser, perifericamente ou heterotopicamente, latino-americano (ACHUGAR, 2006, p. 13).

Walter Mignolo, por sua vez, em *Histórias locais / Projetos globais* (2003), leva-nos a compreender o "*locus* geoistórico" necessário para poder nos acercar, conceitualmente, de uma literatura local como a sul-mato-grossense. Outro conceito importante de Mignolo, que também nos ajuda a discutir com mais propriedade crítica uma literatura específica, ou localista, é o de "epistemologia fronteriza". Por falar em fronteira, desde já lembramos que o seu conceito,

---

[15]Disponível em: http://www.douradosinforma.com.br/entrevistas.php?id_ent=194>. Acesso em: 7 out. 2013.

principalmente pelo fato de nossa produção literária ser uma produção cultural fronteiriça, é considerável quando visamos conceituar as produções culturais desse *locus* fronteiriço.

Quando Mignolo fala em *locus* geoistórico, ele está afirmando que a localização de uma produção, como a literatura aqui em questão, é não apenas geográfica, mas também histórica, política e, sobretudo, epistemológica. Queremos dar atenção diferencial ao epistemológico pelo fato de entender que a literatura sul-mato-grossense, antes de mais nada, produz uma *epistemé*, um conhecimento que, por sua vez, a diferencia das demais literaturas locais. Afora isso, ou somando-se a isso, o estudioso dessa literatura deve entender, por conseguinte, que estudar tal literatura não seria o mesmo do que estudar, por exemplo, a literatura paraguaia. Nesse caso, apesar de ambas estarem muito próximas, cada uma se inscreve na história e na cultura com base em seu "*locus* geoistórico" específico.

É salutar lembrar que estamos ilustrando esta discussão com a literatura sul-mato-grossense, mas o mesmo equivale para todas as demais produções culturais sul-mato-grossenses, como a música, o teatro, a dança, a pintura etc., uma vez que a literatura não é, digamos, mais importante do que as demais

produções culturais.[16] Ambas têm a mesma importância no contexto cultural em que se encontram inseridas, posto que cada uma, a seu modo, reflete, de modo especular, as especificidades culturais do lócus do qual emergiram.

De acordo, ainda, com Mignolo, foi devido à ascensão da crítica pós-–colonial ou subalterna se voltar para as culturas que foram excluídas do projeto moderno que possibilitou, inclusive, que as produções periféricas ou subalternas pudessem ser estudadas de igual para igual com as produções dos centros desenvolvidos. A discussão do autor não pretende comparar simplesmente a literatura periférica ou marginal, como a sul-mato-grossense, com a literatura produzida nos grandes eixos ou países. A questão passa por outro lugar: antes de compará-las com o intuito de detectar as semelhanças e as diferenças, Mignolo propõe ver as "semelhanças-nas-diferenças".

Considerando o exposto, e pensando na literatura sul-mato-grossense, que tem escritores como Hélio Serejo, Lobivar Matos, Manoel de Barros e Brígido Ibanhes, por exemplo, qualquer estudo dessa literatura estaria perdendo tempo se se voltasse simplesmente para uma comparação da ordem dualista, isto é, que se prendesse no que esta literatura teria da literatura de fora. Aliás, discussão parecida já rendeu demais no campo dos Estudos Comparados. Tomá-las com o

---

[16]Quem faz uma leitura das Artes Plásticas Sul-Mato-Grossenses que pode servir como exemplo para uma leitura da Literatura é o pesquisador Marcos Antônio Bessa-Oliveria, no ensaio "O artista plástico geovisualocalizador: arte contemporânea ou o contemporâneo na obra e na crítica de arte em Mato Grosso do Sul?" Também visando ilustrar a discussão, transcrevo esta passagem de Bessa-Oliveira: "Qual é o espaço 'geográfico que se delineia pelas artes plásticas em Mato Grosso do Sul ? Ampliando a questão: existe um espaço *geovisua*l-cultural que pode ser definido pelo olhar 'atento' do artista plástico, seja em nível local, seja em nível nacional ou universal ? Partindo destas indagações iniciais e de outras que poderão surgir ao longo deste trabalho, quero poder vislumbrar um espaço *geovisual* possível a partir do olhar do artista plástico. Diferenciado, por exemplo, do geo-*espaço* tradicional. Diante de tais questões, e também como a de localização da América Latina da condição de condição de região colonizada e criada como uma paisagem pelos poderosos países homogeneizadores, acredito ser possível pensar uma consideração, não quero ajuizá-la como conceito fechado, de *geovisualocalidade* diferente do geo-espacial até hoje 'enxergado' e constituído pela história hegemônica" (BESSA-OLIVEIRA, 2012, p. 69-70).

objetivo específico de compreendê-las na “semelhanças-na-diferença” implica em, antes de qualquer juízo de valor crítico, lembrar que ela é, desde sua natureza, uma literatura desse *locus* de fronteira, cujos países são o Paraguai e a Bolívia e não Estados Unidos ou qualquer país da Europa.

Daí que a literatura do escritor sul-mato-grossense e paraguaio Brígido Ibanhes, talvez seja, no cômputo geral, a literatura mais fronteiriça que o lugar já produziu.[17] Se o escritor Ibanhes nasceu em um entre-lugar (Bella Vista, PY), sua literatura, por sua vez, fez jus ao *bios* de seu autor: a escritura toda de Ibanhes se inscreve por sobre o fio real e imaginário da fronteira, atravessando, ao mesmo tempo, do lado de cá e de lá da fronteira, assim como parte de suas personagens, como o famoso jagunço/bandoleiro Silvino Jacques.

Enfim, toda a literatura de Ibanhes mostra que o sujeito envolvido, incluindo aí o próprio intelectual, encontra-se fora do lugar (SAID, 2004), o que não quer dizer que esse lugar não exista: é a sua própria situação/condição de transfronteiriça. A discussão conceitual e crítica é inseparável da discussão que a literatura demanda com base em seu lócus epistemológico. Assim, passando para o segundo conceito de Mignolo, aqui priorizado, aprendemos com o crítico pós–colonial que são os *loci* geoistóricos específicos de cada produção cultural que alteram e sinalizam a discussão que devemos propor a cada produção elencada, no caso, a literatura sul-mato-grossense.

O conceito de “epistemologia fronteriza” endossa o que estamos discutindo acerca do *locus* específico de uma produção cultural como a literatura fronteiriça sul-mato-grossense. O crítico argentino propõe uma reorganização do

[17]Se não aqui, esperamos pontuar e justificar esta afirmação mais adiante, quando na análise de sua narrativa, nos capítulos dois e três desta dissertação.

conhecimento, tendo por base uma perspectiva pós-ocidentalista. Para que tal reorganização ocorra, é necessário, segundo o crítico, uma outra epistemologia, no caso a fronteiriça. A diferença aparece porque essa reflexão crítica subalterna, fronteiriça ou periférica leva em conta, no bojo de sua discussão, as histórias locais. Não é necessário dizer que toda essa discussão encontra seu lugar por fora dos projetos globais impostos pelas ciências sociais. Apesar de tal conceito não fazer parte do livro citado de Mignolo, ele acaba por justificar o título do mesmo: *Histórias locais / Projetos globais.*

Da discussão acima sobressai um outro conceito essencial para melhor nos aproximarmos de uma literatura específica como a nossa, fronteiriça por excelência, como já disse. Trata-se do conceito de “Cultura local”. Mas antes de nos deter a este conceito, voltemo-nos para o conceito de local, ou de história local, para dar sequência à discussão a que propomos desde o início. Desta vez, quem contribui para esta discussão é o crítico uruguaio Hugo Achugar, em *Planetas sem boca* (2006).

A discussão de Achugar é importante para uma melhor compreensão da literatura sul-mato-grossense, especificamente pensando agora em sua recepção, porque o crítico nos mostra que mesmo quando os leitores são de uma mesma sociedade, como a sul-mato-grossense, eles têm compreensão diversa dessa literatura: “A ‘história local’ de um sujeito social não é a mesma ‘história local’ de outro, mesmo que ambos pertençam à mesma comunidade” (ACHUGAR, 2006, p. 28-29). Nessa direção, o autor afirma ainda que:

> O sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua ‘história local’, ou seja, a partir do modo que ‘lê’ ou ‘vive’ a ‘história local’, em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está situado. A ‘história local’, a partir da qual o presente trabalho está inscrito, tem a ver com interesses locais concretos, os quais não têm valor universal, e ambos não podem ser propostos como válidos para toda a América Latina e, talvez, menos ainda, para esse conjunto que alguns chamam de ‘as Américas’ (ACHUGAR, 2006, p. 29).

Na passagem destacada sobressaem várias questões importantes para pensar melhor tanto a literatura sul-mato-grossense, enquanto literatura específica de um lugar, quanto seu ensino. Se o sujeito (no caso o leitor) lê ou vive a partir de sua história local, então podemos inferir que o que ele lê já está de alguma forma inscrito em si mesmo, ou seja, ele precisa reconhecer, ou tomar conhecimento que o que ele lê no texto do outro (no caso o texto literário) já estava, de alguma forma, nele enquanto sujeito social do lugar. Enfim, o que estamos vendo na passagem do crítico é que o sujeito-leitor lê tendo por base seu lócus geoistórico.

Por conseguinte, nota-se que tanto Walter Mingolo quanto Hugo Achugar voltam seu pensamento crítico visando a uma determinada cultura, priorizando, em ambos os casos, a cultura, a produção cultural da América Latina, possivelmente por serem latino-americanos. Mas o que se pretende compreender aqui é que este não é o único fator que os motiva a olhar para a América Latina. Subjaz por trás das discussões o *locus* geoistórico latino, sim, mas este dá-se, sobretudo, pelo fato de o referido *locus* ser subalterno dentro do olhar imperial moderno.

Contudo, ocorre-nos, tendo por base o recorte teórico que vimos priorizando, que não lemos daqui nem melhor, nem pior, mas com certeza lemos diferente. Ou melhor, lemos na diferença. E lemos na diferença porque o fazemos

a partir de uma cultura local específica. Daí podermos inferir que a literatura local sul-mato-grossense, enquanto uma produção cultural do local, contribui para a configuração do que queremos entender por cultura local. Quem nos socorre na discussão é Edgar Nolasco, com seu texto “O que é, afinal, cultura local?”. Logo no parágrafo inicial, o autor esclarece apoiando-se em nomes como os de Achugar, Mignolo e De Certeau: “a ideia de cultura local aqui empregada deve ao ‘lugar a partir de onde se fala’(ACHUGAR, 2006), aos “*loci* de enunciação” (MIGNOLO, 2003) e ao ‘lugar a partir de onde se discute a cultura’”(DE CERTAU, 1995).[18] Portanto, queremos postular a ideia de que se existe uma cultura local, como afirmam, a seu modo, os críticos mencionados ao longo deste trabalho, por conseguinte, parecem certos de que existe uma literatura sul-mato-grossense, como ainda poderia supor alguns desavisados.

O conceito de fronteira não seria menos político e necessário para os julgamentos, ou leituras feitas da leitura desse *locus* fronteiriço específico. Logo no início de seu artigo, Ibanhes, ao retomar a velha discussão quanto a mudar ou não o nome do Estado, afirma enfático: “eu denominaria nosso Estado de o ‘Estado das Fronteiras’”. O fato inconteste de ser um estado de fronteira, de liminar, a seu modo propõe também uma leitura das produções culturais locais, como a literatura, no limiar de sua fronteiridade. Tal leitura seria, por conseguinte, híbrida, transcultural, intervalar, fora do lugar, situando-se numa condição de transfronteiridade. Ibanhes menciona nomes de escritores relevantes da literatura local, além de destacar também vários nomes das produções culturais da fronteira, como se pode constatar no texto-epígrafe.

---

[18]Sugiro que vale a pena conferir o ensaio na íntegra. In: NOLASCO, Edgar Cézar; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; SANTOS, Paulo Nolasco dos (org.). *Arte, cultura e literatura*: por uma conceituação da identidade local, p.131-185.

Todavia, queremos chamar a atenção para quando ele diz que “uma literatura que se diz sul-mato-grossense tem de refletir todas as especificidades sociais, míticas, geográficas e culturais”. É aí, de nosso ponto de vista, a chave da questão: as especificidades apontadas pela literatura local sul-mato-grossense. Verificar ou se deter nas especificidades culturais, ou literárias, não quer dizer que teremos que ser bairristas ou provincianos. Muito pelo contrário, estamos sendo, diga-se de passagem, mais políticos diante de nossa própria localidade.

CAPÍTULO II

LITERATURA E HISTÓRIA: A SAGA ROMANESCA EM *SILVINO JACQUES: O ÚLTIMO DOS BANDOLEIROS*

> Assim, literatura e história são narrativas que têm o real como *referente* para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão ou ainda para ultrapassá-lo. [...].
> **A literatura é, pois, uma fonte para o historiador**, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especialmente ao imaginário permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Fontes especialíssimas, porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifradas, as imagens sensíveis do mundo. **A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu** (PESAVENTO, 2006, p. 14-22 - grifos nossos.).

Este capítulo inicia-se com a epígrafe extraída das reflexões da estudiosa das relações entre literatura e história, Sandra Pesavento, para orientar a perspectiva teórico-crítica deste campo de estudo, e principalmente, elaborar a nossa própria análise acerca do objeto de estudo que visa a abordagem da narrativa “romanesca” intitulada *Silvino Jacques*: o último dos bandoleiros (2011), de Brígido Ibanhes. De fato, as palavras que ali grifamos revelam ou denotam a intrincada relação entre saberes e suas relações, sobretudo ao remeterem para a própria materialidade do signo lingüístico. A *referência*, que também, segundo o olhar semiótico, passa a *representar* algo que imaginamos ou concebemos enquanto *real virtual*, uma vez que o pressuposto mundo fenomenológico não é apreensível pela linguagem, representativa através do código, senão apenas a ele indiretamente sinalizado.

Desta perspectiva, ainda, as palavras destacadas na epígrafe vêm corroborar com nossa reflexão à medida que a ideia ou conceito de “saga” e de “romanesco”, que se incluem intitulando este trabalho, traduzem forte componente e traço de significações e sentidos, por si sós, vinculados à ideia mais geral do campo do literário. Pois que, é desse lugar em que situamos nosso próprio *locus* de observação, portanto, de onde se almeja que elaboremos uma dicção própria aquele campo e, em especial, aos objetivos deste trabalho. Assim, a saga romanesca que dá suporte à narrativa “híbrida” do romance histórico, *Silvino Jacques*: o último dos bandoleiros, será aqui abordada na confluência do comparatismo literário que propõe destacar a *mise en relation* entre textos e saberes, procurando mais destacar certa perspectiva de conhecimento a aflorar

da natureza do texto literário *per se,* do que recorrer à pressuposição de fatos históricos e “verdades”/factuais, que, hoje em dia, são colocados em “suspensão” inclusive pelo próprio discurso histórico. Tais considerações abrem espaço para o próximo subitem deste trabalho, procurando, ainda, na tentativa de aprofundamento, colher discussões e/ou abordagens teórico-críticas sobre a relação entre saberes, bem como disto extraindo um lugar que, metodologicamente falando, venha ao encontro e resulte em uma proposta de estudo do *corpus* deste trabalho.

2.1 Na encruzilhada, ou a passagem como mediação

Contemporaneamente, as contribuições da Literatura Comparada e/ou dos Estudos Culturais, no modo de ver os objetos de estudo e como ponto de interseção, intervalar ou relacionados às demais áreas do conhecimento, subsidiam de modo produtivo o enfoque da análise de textos literários e/na sua relação com a cultura. O próprio método comparatista, que se executa por meio de espaços limiares, cotejando fronteiras de textos escritos e/ou culturais, finda estabelecendo sua prática a partir do questionamento das “fontes” e/ou objetos de estudo. Ou seja, o método não se antepõe ao objeto e sua análise, como também não o visa a fixação nem do olhar do pesquisador nem do texto numa espécie de camisa de força, de aplicação, de onde os resultados já seriam anunciados a priori, antes mesmo da convivência e experimentação fruto da “leitura” e do olhar do investigador. A preponderância da leitura e do “papel” que o leitor exerce

sobre a atividade de interpretação tem sido amplamente enfatizado, seja por especialistas no assunto, seja por estudiosos de modo geral.[19]

Daí que, sob esta perspectiva, a análise e compreensão do objeto não preexistem à própria prática de reflexão, como observa os comparatistas Pageaux e Machado (1988):

> Repensar o espaço e o tempo – como historiador, como antropólogo – é, como se depreende facilmente, delimitar novos programas de investigação, novas questões. Uma delas é particularmente importante para a Literatura Comparada, que sempre se interessou pela problemática do Outro: a questão da identidade cultural (PAGEAUX; MACHADO, 1988, p. 160).

Também Walter Mignolo (2003), teórico das "histórias locais" e representante do pensamento pós-colonial na América Latina, afirma que:

> [...] a literatura e as teorias pós-coloniais estão construindo um novo conceito de razão como *loci* diferenciais de enunciação. O que significa "diferencial"? Diferencial significa aqui um deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no decorrer do período moderno (MIGNOLO, 2003, p. 167).

Nesta perspectiva, nosso objeto de análise reveste-se de uma condição de texto atravessado pela questão das zonas e literaturas de fronteiras, espaços de transculturalidade, onde se evidenciam diversos entrecruzamentos e "passagens". Com efeito, corroboram de modo especial as contribuições de estudiosos e críticos das relações entre literatura e história, como Remedi (2000) e Cosson (2001), que, ao ampliarem a discussão acerca dessas relações ou,

---

[19]PERRONE-MOISÉS (1983), por exemplo, dentre outros, chama a atenção para o fato de que "na área literária as conclusões são sempre duvidosas ou impertinentes". Já FIGUEREDO (1988), observa que: "Se o detetive pode ser o criminoso e se detetive e narrador se confundem, logo, o narrador pode ser o culpado. Por outro lado, o narrador se coloca leitor de textos alheios – documentos, diários, etc., a partir dos quais constrói sua interpretação, tornando também tênues os limites entre ler e criar (...) Ora, se é possível o detetive ser o criminoso, se este se confunde com o narrador que, portanto, passaria a culpado e se o narrador pode ser confundido com a figura do leitor, logo diluímos também as fronteiras entre leitor e criminoso".

extensivamente, entre fato e ficção, respectivamente, reconhecem o aspecto central da transversalidade dos saberes e “disciplinas”, de acordo com a perspectiva das ciências humanas, sem deixar de sublinhar que: “Contudo, é claro que não se deseja provocar uma equalização homogeneizadora entre história e literatura” (REMEDI, 2000, p. 137). Entretanto, ao refletir sobre a relação entre história e outras disciplinas, Remedi observa que o lugar desses saberes foi abalado “pela percepção de que qualquer tipo de relato sempre e esteve ligado à pluralidade das formas de ver o mundo” (p. 135), e principalmente, salienta que:

> O campo da história e da literatura acabaram por levar a uma profunda tomada de consciência do papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica. Por vários caminhos – teóricos e metodológicos – a fronteira entre historia e literatura vem sendo paulatinamente estreitada por historiadores assumidamente contaminados pelos recursos literários. Isso se dá pela conclusão, aparentemente óbvia, apesar de polêmica, de que todo texto historiográfico e narrativo apresenta, integrado à sua tessitura, diversos elementos imaginários e estilísticos (REMEDI, 2000, p. 135-136).

Logo, é de notar o alto teor significativo do próprio título do capítulo de Remedi: “Literatura e história: almas (quase) gêmeas”.

De outro lado, Rildo Cosson (2001), em capítulo também de título instigante “Narrativa ficcional/Narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas”, não só põe em xeque a distinção de natureza binária, demonstrando a falácia existente na rotulação dos textos quanto à sua natureza, pois que nenhum deles traz inscrito em frontispício sua “identidade”, a não ser a percepção cultural e o modo como os tais textos são lidos e apreciados. Após rever as posições de teóricos como Gérard Genette, Searle, Earl Miner, Barthes, Foucault

e Derrida, dentre outros, acerca da “inexistência da fronteira”, Cosson cuidadosamente reelabora a constatação segundo a qual:

> Frente aos resultados nada animadores das diferenças formais entre narrativas ficcionais e narrativas factuais, os estudiosos da literatura terminam por reconhecer que a distinção entre os dois tipos de narrativa não é segura. Gerárd Genette, por exemplo, após analisar as proposições de John Searle e Kate Humburger, chega à conclusão de que se os índices textuais existem de fato, eles não são suficientes ou únicos na determinação do estatuto de uma narrativa. Até porque se idealmente é possível separar os dois tipos de narrativas, na prática “os dois domínios não são tão distintos nem tão homogêneos quanto podem parecer”. Do mesmo modo, procurando estabelecer as bases para uma distinção entre fato e ficção na literatura, Earl Miner postula que é possível distinguir fato e ficção, mas é difícil encontrar uma obra literária que seja puramente factual ou ficcional (COSSON, 2001, p. 23).

Dessas perspectivas, releva sublinhar, retomando a reflexão de Pageaux, agora em texto mais recente, de 2011, que a seleção de um texto ou aspecto específico da cultura já é, *per se*, indício de uma prática de análise e modo de estabelecer “relações”, essa palavra-chave da metodologia comparatista. Com efeito, ao sublinhar o teor significativo da palavra “relações” enquanto operação de leitura, sobreleva em importância, segundo a perspectiva que nos ocupa, um forte sentido de “trânsito”, tão caro ao crítico comparatista, uma vez que, “A ‘passagem’ (trânsito?) é uma noção que define com bastante clareza a atividade comparatista, intermediário e conciliador à sua maneira”. Assim, com perspicácia teórico-crítica, Pageaux restabelece o vigor de uma prática comparatista herdeira de Paul Van Tieghen, noção máxime, ainda hoje plena de originalidade: “Todo estudo de literatura comparada tem por fim descrever uma *passagem*” [sic] (*apud* PAGEAUX, 2011, p. 39). Que se prolonga e deixa filamentos em longa “passagem” do instigante ensaio “O comparatismo: entre tradição e renovação”,

no qual ele discute, na atualidade, a tradição e renovação da prática comparatista, transcritas nas seguintes palavras do comparatista:

> A palavra "passagem" encontra-se destacada em itálico e relembra, de forma bastante proveitosa, que o comparatista traz do mundo uma imagem aberta, ou porosa, para ser mais preciso: sempre há uma possibilidade de passagem (*"poros",* em grego). Van Thieghen complementa sua imagem do objeto comparatista: "o fato de que qualquer coisa de literário é *transportada* (sublinho) para além de uma fronteira linguística". Sem mais delongas, relembremos agora a célebre máxima de Michel de Montaigne: "Eu não pinto o ser. Eu pinto a passagem." [...]. Entendamos: é preciso apostar na força criativa da passagem, do transporte, da transferência. Da passagem como mudança de formas... e de ideias: metamorfose. O ideal do diálogo faz da literatura comparada uma espantosa máquina de produzir transitividade. Tornar transitivo aquilo que não o é, ao mesmo tempo em que se preserva a sua singularidade (PAGEAUX, 2011, p. 39-40).

Assim, nota-se em *Silvino Jacques*, na descrição da personagem no texto de apresentação do romance, de autoria de Antônio Lopes Lins, este caráter transitório que constitui o bandoleiro Silvino:

> De sanfoneiro, mulherengo, trovador, churrasqueador e com um gosto especial para festas e danças, qualidades inatas do habitante da fronteira do sul, se passou fácil para os pugilatos e as mortes e daí, especialmente impelido pelo instinto de vingança, sua mais forte característica, para o crime (*apud* IBANHES, 2011, p. 9).

Afilhado de Getúlio Vargas, Silvino Jacques compõe a própria história aliada à história nacional e, principalmente, regional: "Silvino moldou a personalidade ao exemplo do padrinho, de homem afável que não desperdiçava palavras e que tinha preparo para enfrentar situações de grandes perigos e pressões" (IBANHES, 2011, p. 18).

Logo, se observarmos, retomando a epígrafe de Pesavento, segundo a qual literatura e história são "narrativas que têm o real como referente, para

confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda, para ultrapassá-lo.", assim como também quer o teórico Compagnon, para quem a referência "não tem realidade: o que se chama de real não é senão um código. A finalidade da *mimèses* não é mais a de produzir uma ilusão do mundo real, mas uma ilusão do discurso verdadeiro sobre o mundo real" (COMPAGNON, 1999, p. 110), resta a constatação, que nos interessa repercutir, advinda da literatura comparada em seus postulados contemporâneos que, carregando a complexidade de um tempo de crise e metamorfose para as humanidades e para a atuação do próprio investigador, enfatiza o seguinte: "entendemos, então, cada vez mais que não é possível pensar em campos de saber estanques, conclusos e fechados em si mesmos, pois o que se acentua é a natureza híbrida dos diversos domínios do conhecimento e da expressão artística, sua inter-relação" (CARVALHAL, 2005, p. 177). E com perspicácia crítica, vem acrescentar: "A literatura comparada, como prática crítica, se inscreve no movimento de mudança das demais modalidades críticas, delas se distinguindo não pelos objetos que estuda, mas pelas perguntas que formula e pelos modos de aproximação de que se vale" (p. 178).

Já Rita Bittencourt (2010), no ensaio "O comparatismo à beira do fim: tensões do híbrido poético", ao retomar a discussão sobre o comparatismo hoje, assim chama a atenção para o que recobriria contemporaneamente a prática de "comparar" enquanto método de trabalho:

> Comparar, então, significa fazer do próprio fim um objeto de leituras, dramatizando-o e tornando-o capaz de, no limiar do impossível e da morte, gerar textos, combinações, relações que considerem a própria ausência de linhas estáveis, de receitas e de respostas totalmente visíveis e coerentes, como lugares de produção de sentido (BITTENCOURT, 2010, p. 145).

Prolongam-se os versos finais, em adágio, metáfora e prática tradutora, com os quais Tania Carvalhal lança longe o desafio do comparatismo de hoje: “Sob égide do cavaleiro errante, em suas múltiplas variações, a literatura comparada vive a aventura dos tempos e enfrenta, na formulação de perguntas, a sua permanente validação” (CARVALHAL, 2006, p. 17).

2.2 A saga romanesca do bandoleiro na fronteira

Como prolongamento da epígrafe, mais uma vez de Pesavento, com a qual retomamos este subitem do capítulo, leiamos a ênfase que a investigadora imprime na seguinte passagem que interrelaciona literatura e história, sob a ótica de “tempo e narrativas”:

> História e Literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música (PESAVENTO, 2006, p. 13-14).

Como se lê na citação acima, interessa-nos observar, propriamente na narrativa *Silvino Jacques*, os elementos de formação discursiva que remetem tanto à ideia de “saga”/romanesco e à oralidade que caracterizam a narrativa em estudo. Ou seja, ao explicitarmos a caracterização e o entrecho da narrativa *Silvino Jacques*, teremos em mente considerações teóricas e relacionadas ao Objeto que, concomitantemente, conduzirão ao desfecho deste trabalho. Brígido

Ibanhes nos “conta”, em relato de pesquisa, porém na forma de romance, a saga do bandoleiro assassino por muitos considerado contraditoriamente herói: Silvino Hermiro Jacques. O autor da obra o faz com grande propriedade, na transposição da oralidade para a escrita, apresentando a trajetória do guerreiro *gaúcho-sul-–mato-grossense* sem deixar de lado os aspectos geográfico-históricos do chão fronteiriço, como na seguinte passagem do romance:

> No tempo em que a locomotiva fazia a linha, ela trazia as mercadorias e os passageiros de Murtinho até a estação de São Roque, onde as carretas eram carregadas. Mas depois que o trem foi desativado em 1934, o jeito era levar o comboio até o destino pelo pior trecho do percurso, pois na chuva esse trecho alagadiço do Pantanal era intransponível (IBANHES, 2011, p. 124).

Nesta direção, em recente livro dedicado à “retomada das formas simples”, a pesquisadora Suzi Sperber (2009) recupera a matriz da “saga no Brasil”[20]. Além de recorrer aos dicionários buscando estreitar o foco da abordagem, Sperber chama a atenção para a natureza e função da “saga”, desde a sua origem:

> Tanto por sua origem, como pela sua trama histórica (ou de lenda de tradição histórica) é épica, **a saga se diferencia fundamentalmente do mito e do conto de fadas**, na medida em que não é forma da infância, nem pode surgir nesse momento, por uma razão forte: **pelo repertório histórico requerido pela sua composição. Segundo Jolles, é o relato – extenso – de um acontecimento ou fato propagado por via oral** (por adultos), referente à historia de um grupo humano (SPERBER, 2009, p. 485- Grifos nossos).

Reforça em sua observação que a saga tem como natureza fundamental o fato de contar “um acontecimento passado há muito tempo, tal como foi

[20] Na realidade, SPERBER, neste amplo capítulo (p. 485-508), desenvolve com profundidade o famoso estudo do francês André JOLLES: *As formas simples*, trazendo riquíssimo painel para a literatura brasileira, sobretudo na correlação que elabora entre oralidade, saga, cordel, e como a figura do herói relaciona-se à sua própria “saga”. Cf. SPERBER, 2009.

transmitido de geração em geração" (p. 485-486). Evoca os exemplos das narrativas de Câmara Cascudo, *Vaqueiros e Cantadores,* por exemplo, e aos cangaceiros de Lampião, na medida em que esses "*convencem-se de seu papel de justiça social, defendendo pobres e tomando dinheiro aos ricos*" (p. 487 - Grifos nossos.). Observa ainda que: "As sagas nordestinas lidam com dois conceitos de justiça, verdade, coragem: um, da ótica do cangaceiro, injustiçado, oprimido e outra, da perspectiva do poder instituído" (p. 499); também uma máxima proverbial que diz: "Lutar é preciso. Viver não é preciso" (p. 501). Tais observações fornecerão a razão e a existência do herói "bandoleiro", Silvino Jacques, cuja existência, seja nas páginas da "crônica" do próprio Silvino Jacques, seja na narrativa heróica (*Silvino Jacques*: o último dos bandoleiros) do escritor Brígido Ibanhes, há que ser entendida no contexto de uma história não oficial, como explica Sperber:

> É preciso que se acredite que há uma outra História, que não a contada nos livros de escola. A outra História é a História de certa resistência, é uma história miúda, ingênua, de poucos conhecimentos, ou de uma cultura que também não corresponde aos padrões socialmente aceitos. Diga-se de passagem, que o reconhecimento da necessidade de afirmar a história dos desvalidos na literatura (...) é bem anterior ao prestígio dos estudos da História do Quotidiano (SPERBER, 2009, p. 502-503).

Ora, Brígido recupera informações sobre Silvino por meio do relato de pessoas que ouviram seus pais e/ou avós lembrando o jagunço gaúcho como temor e ar de lenda, de mito. Assim, o autor da saga romanesca do último dos bandoleiros dá-se na justaposição de textos transpostos da oralidade e/ou arquivos de jornais, mesclados à narrativa do próprio Brígido Ibanhes. Muitos registros advêm de números e edições antigas de jornais das décadas de 1980 e 1990 e, desta maneira, foi-se construindo no discurso e na história a figura de Silvino Jacques. O jornalista Pacífico Berni Fiorenza, conforme recupera Brígido,

assim lembra o protagonista do romance sul-mato-grossense:

> Segundo o que me contaram, Silvino há pouco tinha regressado de uma tropeada de mulas para São Paulo. Por este motivo a imagem que fiz dele, era de um gaúcho ventania, vestido tipicamente, não medindo consequências para provocar fervor por qualquer me dá cá uma palha (*apud* IBANHES, 2011, p. 25).

Disso decorrem as considerações mais enfáticas sobre a “saga do herói” que, como se vê, neste caso, não só tem papel fundamental na saga como também não se trata do herói “construído” socialmente nem historicamente, uma vez que sua existência dá-se como às avessas da boa ordem e do previsível, segundo a ordem da lei:

> (...) o herói repete um gesto arquetípico (...). O herói acena como substituto de poder supremo, de força total. Não tem a onisciência de um deus, visto que o próprio homem o invoca, ou convoca para agir nos pontos e aspectos que ele, ser humano, detecta. Não é o Justo, mas é quem promove a justiça, uma justiça, digamos, minúscula, visto que é apenas a que o ser ou grupo humano que clama pelo herói considera adequada para os seus problemas particulares. O herói não é propriamente imortal, mas tem anseios de eternização mesmo de certa naturalização. Simultaneamente, insere-se num tempo passado, já decorrido, acabado, apenas lembrado – que se quer histórico (SPERBER, 2009, p. 504, 505).

Assim, a constituição da personagem-protagonista é, de fato, perspectivada enquanto herói que, no caso de Silvino Jacques, expande-se como *dramatis personae* de uma saga que envolve e cria sua ambiência; saga que, segundo Jolles, constitui relato extenso de um acontecimento, divulgado pela oralidade, referente a história de um grupo humano, particularmente no sentido de que ela (a saga) conta um fato antigo, passado há muito tempo, transmitido de geração em geração (*apud* SPERBER, 2009, p. 505). Ainda, segundo Soares (1999, p. 655), os sentidos de saga agregariam, além de um quê de aventura, heroísmo e até mesmo de mito, a ideia de história real ou fabulosa, rica de

incidentes. As sagas, portanto, têm um caráter épico e geralmente são escritas em prosa realista, mas também podem ser legendárias, como as de islandeses cujas narrativas são entremeadas de história, velhas tradições e mito.

2.3 *Décimas gaúchas*: a poética de Silvino Jacques no romance de Brígido Ibanhes

O texto *Décimas Gaúchas*[21], que consideramos importante destacar, é tributário do sucesso de um outro texto, ao qual se deve atribuir sua merecida fortuna crítica, ou seja, os trabalhos e estudos acadêmicos já realizados sobre ele, e que, apesar de ainda pouco expressivos, confirmaram um lugar de destaque ao tema, na medida em que sua retomada, hoje, na narrativa de *Silvino Jacques*: o último dos bandoleiros, corroboram tanto para a relevância deste escritor quanto para o "sucesso" de sua festejada obra romanesca.

No final de 1929, fugindo das já famosas pendengas e estripulias no Rio Grande do Sul, a figura sombria de Silvino Jacques, ou Valdemar Pereira, como se anunciava, chega à região fronteiriça do estado de Mato Grosso com a República do Paraguai. Segundo Brígido Ibanhes (2011, p. 105), "desde a época

[21]O texto das *Décima Gaúcha* [sic], originalmente grafado assim, teria sido escrito durante a prisão de seu autor, Silvino Jacques, no ano de 1929. Inicialmente divulgada pelo romanceiro popular, a *Décima Gaúcha* transformou-se numa espécie de cordel, vendido em praças, feiras e no trem que passava em Santo Ângelo/RS. Em Mato Grosso do Sul, o mesmo romanceiro se encarregou de divulgar e, em 1978, saiu publicado em *Crônicas do Município de Bonito*, edição de Theodorico de Góes FALCÃO. A *Décima Gaucha* está registrada na Biblioteca Nacional, folha 215 do livro de nº 18, sob o nº 25 325, com o título de *Décima Gaucha* – autor Silvino Helmiro Jacques, que usa assinar Silvino Jacques. O registro foi requerido por Ildorilda Jacques Perrupato (uma das filhas de Jacques), em 16 de dezembro de 1980, por meio de sua procuradora Maria Oraides Jacques de Miranda. Além disso, não existe motivo para dúvida sobre a autoria, haja vista que Jacques é publicamente conhecido como trovador e improvisador, pois segundo alguns relatos faziam improvisos gracejando contra a própria polícia, que não conseguia prendê-lo. Cf. **ANEXO A**: cópia escaneada, em datiloscopia do texto na íntegra, conforme seu registro na Biblioteca Nacional.

da Guerra do Paraguai existia uma indisfarçável rivalidade e hostilidade entre paraguaios e gaúchos". Com a fama angariada até então e cada vez mais crescente, o memorial dos feitos de Silvino Jacques extrapola toda tentativa de inventário, numa longa e aterrorizante página de violência, que tem a duração exata de uma década, quando, em 19 de maio de 1939, no município de Bonito, a captura encontrou o corpo do bandoleiro. Esta história possui antecedentes e continuidades. Entretanto, o que interessa aqui é a verificação em torno da real figura do bandoleiro Jacques, sua fama e fortuna mítica encravadas no solo fronteiriço, através de seu legado escrito, as *Décimas gaúchas*, e de como uma região de fronteira propicia o surgimento e o desenvolvimento de uma figura ímpar, quixotesca, capaz de influir de forma constitutiva não só nas malhas da história, mas, principalmente, na representação do imaginário cultural relacionado à condição de fronteira.

A história do último dos bandoleiros, Silvino Jacques, tornou-se *poiesis* no clamoroso relato de Brígido Ibanhes, cuja narrativa mistura elementos factuais e ficcionais, assim deslocando-se da crônica policial para o relato ensaístico, objeto da crítica cultural. A figura do bandoleiro, pistoleiro, tipificada como matador mercenário ou *porojukahá,* em guarani, tem seu caráter e feitos embaralhados entre os agentes de uma saga (a violência / o terrorismo) compartilhada por "matadores" ou por "coronéis" Estes detentores de algum tipo de poder, frequentemente à margem do estado, mas todos envolvidos no manto ampliador do terrorismo característico nas formações latifundiárias, próprias do processo de colonização e desbravamento do Oeste. Foi assim que Silvino Jacques, agindo na região de Bela Vista, Caracol, Porto Murtinho, Bonito, Maracaju, registrou suas façanhas em páginas sangrentas da história da região do Mato Grosso. Curioso é

notar como uma figura, praticamente tipificada, o bandoleiro / *porojukará*, foi ampliando suas características até um ponto limiar, num efeito de sombreamento de seus agentes, que tanto representam forças oficiais como representam bandos de carabineiros volantes, a aplicarem suas leis como num velho Oeste, ou, *far-west*.

Transitando de um agente a outro, o qualificativo *porojukahá* não só acaba ensombrecendo o espaço e a região que favorece a sua identidade, mas sobretudo torna-se estereótipo singular que nomeia todo o desmando, feitos de violência, fixando-se na história regional como componente de formação e de identidade. Pois a figura do bandoleiro Silvino Jacques, emaranhada aos ofícios da pistolagem, matador de aluguel, resulta inextrincavelmente emaranhada em sua própria significação; misturando os signos e confundindo os significados de "bandoleiros" e agentes da lei, e confundindo suas referências numa confusão própria da complexidade da condição "fronteiriça", constitui-se, no final, um signo de limiaridade e transição que embaralha lenda e realidade (IBANHES, 1998).

Assim, descritos os conteúdos de nosso objeto de investigação – o poema narrativo *Décimas gaúchas*, escrito pelo bandoleiro Silvino Jacques, e o romance-–reportagem *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros,* de Brígido Ibanhes –, resta considerar as relações entre esses dois textos, admitindo que ambos têm como base composicional os feitos e as façanhas do bandoleiro e sua inscrição no tecido da história regional fronteiriça, chamando a atenção para várias questões de natureza teórico-críticas e daí para enfoques diversos conforme as questões levantadas pelo investigador. Sob a nossa perspectiva de análise, constatamos que ambos os textos circunscrevem-se num espaço textual fronteiriço, uma vez que ambos podem ser lidos como narrativa factual, sem

menosprezo das suas características de discurso ficcional. Ambos transitam entre a crônica e o poema narrativo, com uma forte e preponderante característica de romance-reportagem, marcando o texto de Ibanhes.

Comprovam-se também, nos dois textos, a presença e a assumida vontade de seus autores em narrar, além dos relatos históricos presumivelmente aceitos como verdadeiros, suas próprias histórias de vida, matizando mais ainda a natureza desses textos como de “cruzamento” de fronteiras, como é o caso dos textos ambíguos, das biografias, da autobiografia e do próprio romance-reportagem. Assim, nota-se:

> Acabou-se a Revolução de 32. Para os vencidos a fuga, a morte ou a prisão. Para os vencedores, as glórias, os lauréis. E a primeira palma do Capitão Silvino Jacques colheu no pequeno distrito de Bonito. [...] Em 1927 deu-se a criação do Distrito de Bonito cujos moradores eram, na grande maioria, imigrantes sul-riograndenses (IBANHES, 2011, p. 104).

E,

> No dia 8 de agosto
> Deixei Santo Tomé
> Continuei a minha viagem,
> Caminhando sempre a pé.
> Para Corrientes não volto
> E seja o que Deus quizer (JACQUES, 1978, p. 7).

Salienta-se, portanto, de um lado, o caráter clamoroso do episódio histórico, datado e situado pela obra de Ibanhes, e de outro, a importância do evento ficcional, caracterizador tanto do poema em prosa de Jacques como do romance de Ibanhes. Sobrepõem-se então questões de narratividade e de textualidade inerentes à análise dos discursos histórico e ficcional que têm merecido ampla discussão e criado uma farta bibliografia sobre o assunto. Se, assumindo que em ambos os textos a questão está intrinsecamente relacionada

com o papel da linguagem, e, considerando que os fatos são também uma ficção, pois são construídos pela interação entre linguagem, experiência e memória, resta considerar a existência de uma zona de fronteira entre eles. Diante disso, a valorização desses textos cresce à medida que se permitem ser lidos, ora como discurso factual, ora como discurso ficcional, situando-se nas margens e fronteiras de um universo e outro, ou seja, entre a lenda e a realidade. Como observa o estudioso do assunto:

> A impossibilidade de se estabelecer uma linha divisória única entre o ficcional e o factual não elimina necessariamente as diferenças entre eles, somente demonstra que não se pode tomar as narrativas ficcionais e factuais como blocos monolíticos e estanques (COSSON, 2001, p. 26).

Neste sentido, vale lembrar passagem importante a advertir que "(...) o histórico entra para o literário e o literário para o histórico" (BOSI, 1997, p. 14), sobretudo hoje, quando a teórica canadense Linda Hutcheon (1991, p. 122) tem denominado metaficção historiográfica a proposta narrativa na qual fatos e personagens históricos passam a representar um outro nível de re-visitação ao passado, não sob a ótica canônica, mas com o objetivo de questioná-–lo, desmistificá-lo e colocar em xeque as supostas verdades históricas. Ou seja: "(...) o sentido e a forma não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam esses 'acontecimentos' em fatos históricos presentes", trata-se, enfim, de entrelaçamento de fronteiras textuais cujo imbricamento advém de diversificadas formas discursivas. O que, ainda nas palavras de Cosson (2002, p. 17), ao redimensionar sua reflexão inicial, assim seria explicado: "as fronteiras entre os discursos não podem ser comprovadas empiricamente porque é nelas

que as convenções assumidas como naturais a cada discurso se revelam como tais."

Por conseguinte, ocorre-nos a seguinte passagem do conto "Sanga puytã", do escritor brasileiro João Guimarães Rosa: "A cidade [Bela Vista] se atravessa nos três minutos, com um olhar para a casa que foi do matador de gente Silvino Jacques, por causa de quem há mulheres de luto, das duas bandas" (ROSA, 1978, p. 17). Excerto que, por sua própria e particular natureza, "um texto em exergo – dirá Gerard Genette"[22], assume o lugar e/ou função de "autentificação", seja acerca de uma narrativa propriamente dita, quer dizer, dos textos que narram a história de um narrador-protagonista em particular, seja pela assunção do reconhecimento através da voz popular, da oralidade, segundo a qual a epígrafe prepara o leitor para a caracterização dos "feitos" de um certo herói, "matador". Garantindo assim certo "contrato" em relação ao papel do leitor do(s) texto(s) que narra(m) a vida e as histórias do personagem Silvino Jacques, famoso herói-bandoleiro da fronteira Brasil-Paraguai.

Deste ponto de vista, interessa-nos não só recuperar uma perspectiva de "leitura" do texto *Décimas Gaúchas*, cuja autoria se atribui a Silvino Jacques, mas principalmente procurar uma construção de leitura que mais resulte na compreensão de certa "referência" do conteúdo, ou universo narratológico e representativo do texto das *Décimas*, do que buscar a sua explicação fora daquele universo e, portanto, da sua particular configuração temática, singular modo de representação – o que equivaleria a assumir um compromisso de

[22]Em estudo sobre a semiótica do paratexto, GENETTE enfatiza que a epígrafe constitui-se em elemento que participa da rede de relações que é toda narração, e, portanto, a define como uma citação que se autorremete enquanto texto complementar. Diversas são as práticas da paratextualidade, as quais poderão colaborar na análise do romance de Brígido Ibanhes, quando nos debruçarmos sobre esta obra mais particularmente no Capítulo 3 deste trabalho. (Cf. GENETTE, 2009).

“autentificação” do texto com o discurso histórico, com o possível caráter “factual” da narração, indo além de sua natureza de texto performativo e “literário”.

O texto *Décimas Gaúchas* (1978), de Silvino Jacques, narra as peripécias vividas pelo bandoleiro no Rio Grande do Sul e na Argentina. As *Décimas*, antes de serem publicadas, há muito eram conhecidas por meio do cancioneiro popular, que se encarregou de divulgá-las na forma da literatura oral. Trata-se de texto escrito em versos, totalizando quinze páginas, divididas em duas partes. Na primeira parte, há 93 estrofes e na segunda 130, todas de 6 versos, sendo que nesta há um trecho com características teatrais, pois suas estrofes são falas do narrador inicial respondidas por um outro denominado “velho”, enfim, um diálogo em versos. O texto tem a forma do cordel nordestino, com estrofes de seis versos: o segundo, o quarto e o sexto versos rimam entre si, trata-se, portanto, de uma sextilha. Entretanto, apesar da versificação, o texto pode ser definido pelo seu conteúdo como uma crônica em versos. Considerando-se a característica fundamental da crônica, que é a de ser uma lista de fatos arranjados conforme a ordem linear do tempo, pode-se reconhecer como constitutivo de sua natureza tornar-se uma narrativa de fato real ou fictício, de ritmo apressado devido à agilidade dos acontecimentos, ou seja, sua “sintaxe lembra alguma coisa solta mais próxima da conversa entre dois amigos do que do texto escrito (...) há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade” (SÁ, 1997, p. 11). De acordo com isso, o texto *Décimas Gaúchas* tem o caráter de uma confissão que seu autor, Jacques, faz a um amigo, onde as pelejas, crimes, saudades e solidão constituem a narração do sujeito e de seu mundo à revelia. Já no início da narrativa, Jacques se apresenta como protagonista e locutor do enunciado:

> Meu nome eu nunca neguei,
> E não pretendo negar
> Me chamo Sylvino Jacques
> E nunca procuro o mal
> Ele é quem me procura
> E sempre me há de encontrar
> (JACQUES, 1978, p. 1).

A natureza cronística é atestada pelo narrador/cronista a insinuar-se como autor de carne e osso, o que envolve aspectos sobre o lugar da enunciação, da memória e dos fios condutores aí implicados e que tocam os limites entre fato e ficção. Gêneros literários assim caracterizados não gozavam de legitimidade, pois que eram vinculados às vozes de setores populares e marginais. Daí, perguntar-se qual era a condição de Silvino, que se revela como um marginal nos vários sentidos que a palavra carrega. Parece ter sido isso que levou Jacques a contar sua saga, incluindo no relato muitos dos vários crimes que cometeu, desabafando os sentimentos e a própria condição de fugitivo, saudades da família, não escapando à vaidade de ser lido:

> Se algum dia, por acaso,
> Não puder eu contar vitória
> Que meus inimigos me matem,
> E assim, cheio de glória,
> Eu peça aos meus amigos que leiam a minha história.
> (JACQUES, 1978, p. 6)

Auto-exilado, porque fugitivo da lei, Jacques corria bosques e florestas, subia morros e montanhas, e atravessando rios rompia fronteiras. Seu lugar não existia, era um entre margens, sua condição era de pária e clandestino, vivia em constante desassossego, olhando sempre para trás:

> Depois de entrar na Argentina,
> Num sertão quase deserto,
> Enxergando meu país,
> Na minha frente, tão perto,
> E sem poder chegar lá,
> Parecia-me não ser certo.
> (JACQUES, 1978, p. 4).

É de se observar, com efeito, a ampliação do universo do discurso das *Décimas,* especialmente no que se refere à repercussão do tema do bandoleiro Jacques*,* espraiando-se pelos regionalismos culturais latino-americanos, com forte presença na literatura rio-grandense, que absorve do Prata e do pampa argentino o rico caudal que a obra *Martín Fierro* (1872), de José Hernández, fez projetar na sua formidável recepção em outros regionalismos culturais. O Silvino Jacques da fronteira Brasil-Paraguai é tributário dessa tradição do Martín Fierro, personagem fundador da literatura argentina, ao qual o escritor Jorge Luis Borges dedicou importante estudo, caracterizando o contexto do tema e projeção da figura do herói/anti-herói, com isso ilustrando nossas considerações anteriores:

> Alguém pode roubar e não ser ladrão, matar e não ser assassino. O pobre Martín Fierro não está nas confusas mortes que cometeu nem nos excessos de protesto e bravata que atrapalham a crônica de suas desenvolturas. Está na entonação e na respiração dos versos; na inocência que lembra modestas e perdidas felicidades e na coragem que não ignora que o homem nasceu para sofrer (BORGES; GUERRERO, 2005, p. 95).

Fig. 1. Silvino Jacques (ao centro) e seu bando

Assim, pária ou clandestino, marginal indomado e auto-exilado, sem pátria e sem família, Jacques teria buscado na escrita o abrigo de quem não tem pátria, inscrevendo-se a si mesmo como um sujeito em trânsito entre fronteiras. Nisso, tanto a sua condição de personagem *passant* quanto a natureza de seu texto mascaram o lugar de enunciado e enunciação. Misturando esses planos, Jacques é a fusão do herói bandido, o Robin Hood gaúcho/sul-mato-grossense, considerado por muitos uma espécie de justiceiro, que faz justiça com as próprias mãos, que tira dos ricos para dar aos pobres, pilhando o grande proprietário em favor do pequeno, fraco e desamparado. Para outros, não passa de bandido cruento, que rouba, mata sem piedade e sem escolher suas vítimas. Na realidade, a história de Jacques, como a de muitos bandoleiros, lampião no nordeste, os irmãos James e Billy the Kid no Oeste norte-americano, têm suas histórias romanceadas, onde o real aparece imbricado no mito, na lenda, no fantástico. Difícil é separar a lenda da realidade, pois ambas se confundem e se misturam: homem de boa aparência, boa conversa, pé de valsa, excelente tocador de

sanfona, trovador, exímio atirador, de grande sucesso com as mulheres, matador, bandoleiro e herói da Revolução de 32, quando, através de uma ação de guerrilha, às margens do Rio Perdido, neutraliza o inimigo e influi sobremaneira na vitória de Getúlio Vargas.

Retomando a história de Silvino Jacques, o romance-reportagem *Silvino Jacques*: *O último dos bandoleiros,* de Ibanhes, realiza um notável percurso pela saga de Jacques, na medida em que reúne, através dos recursos próprios do gênero, relatos orais e documentais mais a verve recriativa e peculiar do autor, que, em vários momentos, assume o papel de quem testemunhou os relatos narrados. O livro se propõe a acompanhar os passos do bandoleiro, focalizando, ao lado das questões da identidade fronteiriça, numa rica referenciação às falas e costumes da região, misturando o portunhol/guarani com os costumes, onde a lei era a do quarenta e quatro[23], com uma população constituída pelos migrantes gaúchos e de outras partes do país, além de paraguaios. As línguas são misturadas e os costumes entremeados de chiripá e de bombachas e regados a tereré, chimarrão e mate, cristalizando-se como parte da região do cerrado. Como o próprio Ibanhes relata: “A migração gaúcha, em fins do século XIX, causou uma miscigenação de costumes e tradições, onde o kuê, sufixo que em guarani significa ‘o que já foi’, se mistura com o tche gaúcho” (IBANHES, 2007, p. 30).

Em vários aspectos, é interessante notar como o livro de Ibanhes se torna parte da história narrada e da própria lenda como um todo, uma vez que o livro e seu autor mostram-se num emaranhamento que vai do processo judicial ao fato

[23]A alusão à violência, historicamente registrada na região de fronteira, representada na figura do revólver de calibre 44, é relatada em ampla bibliografia de natureza histórico-social e antropológica, como, p.ex., dentre outros, o título *Coronéis e bandidos em Mato Grosso*, do historiador Valmir Batista Correa (1995), no qual se registra o fato de Silvino Jacques ter sido dos mais célebres bandidos que agiram na região.

de o autor colocar-se no lugar de testemunha, cioso das informações ali depositadas. O livro de Ibanhes foi apreendido judicialmente devido ao processo movido contra ele, pela filha do bandoleiro, questionando supostos direitos autorais. Julgado o processo, o livro foi liberado, com o Juiz de Direito reconhecendo, já em sua sentença, o caráter histórico e mítico da figura do bandoleiro:

> Não há como negar-se à obra (...) de autoria do requerido, o caráter histórico de que é imbuída. (...). Silvino Jacques, efetivamente, é um mito, uma figura histórica do nosso Estado. (...). Finalmente, revoga-se a liminar de busca e apreensão anteriormente deferida nos autos de medida cautelar... (*Apud* IBANHES, 1997, p. 273).

A história de Silvino Jacques, seja pelo seu registro escrito e documental, seja pelas versões orais, quebra a barreira do histórico para transmutar-se na condição limítrofe de lenda, posto na perspectiva do imaginário que o envolve e o redimensiona.

Em muitos aspectos o tema aqui abordado continua num crescendo, sobretudo porque o próprio objeto de pesquisa e (e a reflexão acerca dele), nasce do interesse suscitado pela temática, figuras e textos aqui discutidos. A partir do *corpus* de análise, as *Décimas Gaúchas,* de Silvino Jacques, e *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*, de Brígido Ibanhes, há que se admitir que a questão vem despertando mais e mais a atenção de estudiosos, oferecendo legitimidade ao objeto e às especulações suscitadas em torno dele. A história de Silvino Jacques, seja pelo seu registro escrito e documental, seja pelas versões orais, quebra a barreira do histórico para transmutar-se na condição limítrofe de lenda, posto na perspectiva do imaginário que o envolve e o redimensiona. Essa história continua mostrando sua face polemizante, na medida em que o

documentário “Silvino Jacques, a saga de um bandoleiro”,[24] exibido na TVE Regional, em 15/01/2006, apresenta várias contradições em relação ao romance-reportagem de Ibanhes, demonstrando, assim, o caráter semovente de um tema que, fruto de gêneros textuais híbridos, e tributário de sua própria natureza e formação discursiva, requer para sua abordagem um olhar entre limites e fronteiras. Nenhum gênero, nem história, nem ficção, antes o devir do narrar e a condição de texto da cultura, que se coloca à margem, fronteiriço, em transição e em limiar.

Entretanto, diante do exposto, devemos sublinhar que a referência, neste trabalho, ao documentário (Filme) faz-se tão somente enquanto registro de mais uma das “versões” sobre *As Décimas* de Silvino Jacques, uma vez que o nosso *corpus* de estudo procura delimitar-se em torno da narrativa (romanesca) de Brígido Ibanhes, e, exclusivamente, em torno da personagem jacquesiana, através de sua projeção e migração do texto d’ *As Décimas* para o romance intitulado *Silvino Jacques* (2011) – segundo esta versão e última edição –, ou seja, ainda e particularmente na caracterização das várias formas de apropriação que o autor imprime, seja ao tema/conteúdo, seja à forma escrita em versos do texto de Silvino Jacques. Considerando que o pano de fundo para a

[24]O documentário “Selvino Jacques, a saga de um bandoleiro”, originariamente assim intitulado, [de Hamilton Medeiros, com a produção de Pepe Faviere e Roteiro de Maranhão Viegas, trilha sonora de Marcos Romera e Claudio Abuchaim, Fotografia de Márcio Padilha e Apresentação de Celso Lagos. Estúdio de áudio MASTER CASE / Campo Grande e ESTÚDIO ANGELS/São Paulo, 2006. 1 DVD (34 min), widescreen, color. Montagem e finalização: Dênio Vilanova], trata-se de documentário baseado na vida de Silvino Jacques. Para a análise e estudo de “documentários”, seria proveitosa a leitura da obra: COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder*: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. GUIMARÃES, Cesar; CAIXETA, Ruben. (org.) Trad. Augustin de Tugny, Oswaldo Teixeira e Ruben Caixeta. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Trata-se de obra que reúne “artigos e intervenções em debates produzidos por Jean-Louis COMOLLI ao longo de quinze anos, este livro mostra como o cinema, maior responsável pelo acesso à esfera do espetáculo, permanece, desde então, o seu principal crítico. Ao convocar o espectador a crer sem deixar de duvidar e a duvidar sem deixar de crer, os filmes (documentários e de ficção) concedem ao ver uma potência capaz de questionar os jogos estéticos e políticos que animam não apenas a sala escura, mas toda uma sociedade na qual as imagens e os sons tornaram-se servos dos poderes do espetáculo e do controle”. (Cf. Aba do livro)

caracterização do universo mítico-lendário da personagem origina-se a partir das *Décimas Gaúchas*, é sobre este aspecto ao qual ainda voltaremos nossa atenção, no próximo capítulo desta dissertação.

CAPÍTULO III

SILVINO JACQUES OU A CRÔNICA DO HERÓI BANDOLEIRO NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

> Moço alto, pele amorenada, indiado, como se diz o gaúcho, de vinte e três anos, olhos graúdos e rasgados, exibindo no sorriso uma coroa de ouro, prosa simpática, ele atraía a atenção das pessoas, principalmente das mulheres (IBANHES, 2011, p. 19).

Neste capitulo objetiva-se, de um modo geral, concretizar uma aproximação da obra *corpus* de análise, procurando demonstrar uma produção de leitura textual que, conduzindo à nossa própria leitura da obra, brote essencialmente do nosso demorado convívio com a narrativa literária de Brígido Ibanhes. Para tanto, a figura do bandoleiro, através de sua fortuna crítica, bem como na versão do escritor Ibanhes, resultará na configuração da personagem protagonista, caracterizada como herói-anti-herói e as suas antifaces ou facetas que daí decorrem, também em função do contexto histórico-cultural e mítico da fronteira.

3.1 Silvino Jacques: bandoleiro e matador por predestinação

É obra de *porojukará*... deixa pra lá.

(IBANHES, 2000, p. 178)

A epígrafe que inicia este subitem foi selecionada do ensaio crítico intitulado “Meu adeus a um matador” (2000), de Ibanhes, escrito sob a dicção ensaística, reflexiva, que, por sua natureza, embasa nossa perspectiva de análise do romance em questão e, sobretudo da origem e “representações” que emolduraram a personagem Silvino Jacques, herói bandoleiro da saga reescrita pelo autor. Aliás, tanto a epígrafe quanto o texto que a contextualiza merecem nossa atenção, seja pela elevada significação e caracterização da primeira na “apresentação” da personagem propriamente dita, seja pelo aspecto de narrativa

voltada à “explicação” e fidelidade, de origem e de anterioridade à formatação do romance do escritor. O ensaio foi preparado com este fim específico e integra uma coletânea crítica, portanto, raramente conhecida em relação à variada produção literária de Brígido, e sobre a qual nos referiremos logo mais. Tanto é assim que, já na abertura do ensaio, o escritor Brigido assume a voz autoral e de testemunho acerca da história da personagem-protagonista, já constituído como herói. No caso específico, trata-se de um herói-bandoleiro, marca o tom que, a nosso ver, reveste-se da maior significação para o universo “novelesco” ou romanesco da saga que se desenrola em *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*:

> *Esta história eu mantinha guardada a sete chaves para uma ocasião especial*, e ela surgiu quando o Professor Dr. Paulo Nolasco, conhecedor do meu estilo, me convidou para participar da Semana de Literatura promovida pelo Centro Universitário de Dourados. No convite ficou claro que *a matéria deveria abranger a cultura do Mato Grosso do Sul seus costumes e tradições. Nada mais enraizado na historia e cultura do nosso Estado que a figura do “matador”* (IBANHES, 2000, p. 177 – Grifos nossos).

A partir deste parágrafo, iniciando o ensaio crítico, o escritor fornece elementos bastantes para a real compreensão da personagem que dará título a sua obra mais famosa – *Silvino Jacques* – e, também, com importância relevada para o *locus* de enunciação do surgimento e da(s) versão(ões), às vezes divergentes, em torno do que denominamos “a saga jacquesiana”. Vale dizer que, destaca daí toda a gama intrincada e em sobreposição caracterizando a narração romanesca, dentre as quais interessa-nos sublinhar algumas delas: primeiro que o designativo *porojukahá*, originariamente em língua guarani, tem como tradução literal “aquele que mata como predestinação” (p. 177), jamais

sendo traduzido no sentido “como meio de vida” (p. 177). O mercenário assim conhecido é apenas um assassino que presta serviço mediante pagamento. Logo, o real sentido daquela expressão, *porujukahá*, é “*antes de tudo, um justiceiro implacável e predestinado*” (p. 178) (Grifos meus). Assim, caracterizado como indivíduo sóbrio, bem apessoado, de boa estampa e vestes corretas, o *porojukahá* age como um fora-da-lei, quer dizer, seu ofício não é descrito no “Diário Oficial” nem nas “crônicas” da Justiça, uma vez que sua missão de “matador” ultrapassa a ideia de crime e moral burguesa, projetando-se no universo do herói que remonta ressonâncias míticas, de um ideal de justiça que não conhece fronteiras, ou que age entre e além-fronteiras. O que equivale a dizer que o ofício de “matador”, sob esta perspectiva, recobre uma aura de raio fulgurante dos deuses que vêm à terra em missão de ordenar o caos humano. Isto tem a ver com a maior adequação do *ethos* do herói, de sua caracterização, que remonta aos primórdios do seu surgimento trágico, no tempo-espaço da tragédia – que nos lembra a coragem de Antígona, no texto homônimo, *Antigone*, no seu enfrentamento com o Rei, pelo “direito” natural de enterrar seus mortos. Desta forma, com estas palavras, Ibanhes celebra o vate do herói que descreve e persegue em sua narrativa:

> Na sua maioria os matadores são pessoas sóbrias, não frequentam cabarés e não se misturam ao povo em atos públicos ou festas. No máximo, ficam de longe observando discretamente. Vestem-se com roupas rudes e sua alimentação é sempre reforçada, com muita carne vermelha, principalmente charque, mandioca e feijão. Quando convocados, ouvem toda a história e fazem seu julgamento, pois se não encontrarem injustiça no relato não topam a “encomenda”, nome pelo qual se designa a missão. Tem que existir injustiça para ser punida. Quando em ação não deixam rastros e o resultado final só será conhecido com a notícia da execução, que na tradição popular verbal se conclui: “**é obra de *porojukahá*... deixa pra lá**” (IBANHES, 2000, p. 178 – Grifos nossos.).

Paralelamente, é significativo o fato também descrito por Ibanhes, neste mesmo texto, de que ele próprio fora alvo de um *porojukahá*, cuja história pessoal e de tamanha estranheza segue relatada em páginas seguintes do ensaio hora sob nossa análise (IBANHES, 2000, p. 179-186).

É neste contexto, sobre luz e sombras da expressão do verso-epígrafe, em guarani, que devemos atentar para uma leitura de “entrelugar” da língua, da cultura, da interculturalidade, que matiza o lugar de enunciação do sujeito narrador, herói protagonista do romance *Silvino Jacques*, cuja narrativa frequentemente embaralha gêneros literários, misto de relato histórico e prosa poética e/ou ficcional. A análise da obra demonstra duas vertentes da narração, motivadoras da trama da narrativa: o fato histórico ou relato da vida da personagem protagonista, Silvino Jacques, enquanto indivíduo que exerceu representativo papel na figura do “bandoleiro” da fronteira; e o fato de a sua própria “saga”, narrada por Ibanhes, ter sido motivo de notável e histórica “controvérsia” em processo policial e consequente julgamento em tribunal.

Além disso, há o interessante episódio que liga a vida do próprio escritor ao contexto político no Sul do estado de Mato Grosso, em especial pelo seu “emaranhamento” e envolvimento com “familiares” de Silvino Jacques e com altas patentes da oligarquia sul-mato-grossense; e, ainda, acrescida de um apurado teor ficcional entrecruzado à narrativa histórica, revelando vigorosa efabulação que se desprende tanto da verve, prosa poética do escritor, e da sua reconhecida capacidade criativa, principalmente ao elevar a figura de Jacques, herói bandoleiro da fronteira Brasil-Paraguai, ao nível de imortais heróis como a do Martín Fierro, memorável vate da “gauchesca” e imortalizado na obra homônima,

Martín Fierro de José Hernández, de 1872. O Silvino Jacques da fronteira Brasil–Paraguai é tributário dessa tradição do Martín Fierro, personagem fundador da literatura argentina, ao qual o escritor Jorge Luis Borges dedicou importante e especial ensaio, caracterizando, em sua luminosa tradução, tanto o tema quanto o contexto e projeção desta lendária personagem transfronteiriça.[25]

A partir daí, evocando obra emblemática e fundadora da nossa literatura latino-americana, situando-nos sob a perspectiva da crítica literária e cultural no subcontinente, reafirma-se um *locus* de enunciação cujo pensamento pós-colonial resulta em enfática proposta direcionada ao lugar do compromisso e/ou ao compromisso do lugar, na atualidade. Ilustram nossas observações o quadro da literatura paraguaia e de fronteira através de escritores como Hérib Campos Cervera e Augusto Roa Bastos, sobretudo nas palavras dos críticos Barros e Fleck (2010), em obra recém-publicada, ao acentuarem o caráter de revide de nossas literaturas, fazendo valer o compromisso com:

> [...] nossas ideias e os fundamentos estéticos de críticos como Thomas Bonnici (2000, p. 10), que pontua que essa literatura está dirigida 'principalmente a pessoas que estão conscientes da necessidade de revide à realidade de exclusão, à qual todos nós da América Latina fomos submetidos', cuja 'abordagem alternativa [...] envolve um constante questionamento sobre as relações entre cultura e imperialismo [...]', e na qual a 'preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e oprimidos, para recuperação da sua história, da sua voz' (BARROS; FLECK, 2010, p. 85).

[25]Em ilustrativa passagem já citada de seu livro, Borges celebra a sina e/ou destino do personagem: "Alguém pode roubar e não ser ladrão, matar e não ser assassino. O pobre Martín Fierro não está nas confusas mortes que cometeu nem nos excessos de protesto e bravata que atrapalham a crônica de suas desenvolturas. Está na entonação e na respiração dos versos; na inocência que lembra modestas e perdidas felicidades e na coragem que não ignora que o homem nasceu para sofrer" (BORGES; GUERRERO, 2005, p. 95).

Sob a perspectiva pós-colonialista, a abordagem sobre nossas obras e autores caracteriza-se pelo enfoque do entre-lugar discursivo onde se agenciam narradores, personagens, autores e leitores como nós, cujo *locus* de enunciação dá-se entre fronteira(s) narrativas e/ou de literaturas de fronteira. Daí que, segundo Achugar (2006, p. 28), ao analisar "as literaturas de fronteira – o local/regional em foco", as margens ou orilhas são demarcação própria da narrativa de fronteira local/regional, uma vez que "A decisão depende de quem fala e, sobretudo, a partir de onde fala". Ainda, de outro lado, Hommi Bhabha enfatiza a urgência da intervenção crítica, na medida em que reforça o espaço "hifenizado", subvertendo a cultura local, com vistas às relações ou choques culturais na promoção de cidadãos enraizados no local periférico e na luta contra a hegemonia imposta por "antigos" poderes colonizadores, agora em posição de "revide" em função do atual momento histórico:

> [...] O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na a articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores da colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABBA *apud* PALERMO, 2004, p. 241).

O próprio nome do escritor entranha-se, emblematicamente, à sua história de vida e a da sua terra natal, a cidade de Bela Vista (MS), que integra a região de "Bonito/Serra da Bodoquena", e compõe o entrecho da narração do seu livro *Chão do Apa*, recém-publicado, que, já desde esse título e seu subtítulo, *contos e memórias da fronteira,* orientam um percurso de leitura que atravessa pelas regiões fronteiriças, incluindo a República do Paraguai e a Bolívia, e assim

caracterizando não só o fato de tratar-se do relato de experiências (linguísticas e culturais) que cicatrizam a escrita de um narrador, pleno de memórias e reminiscências, ainda mais acentuada pelo pertencimento autoral, já que o próprio Brígido Ibanhes identifica-se como indivíduo natural do local, bela-vistense, portanto fronteiriço de nascimento e pertencimento, tudo isso amalgamado num processo de interculturalidade ao qual o leitor acaba depreendendo ao final da leitura do livro propriamente dito.

Vejamos parte significativa do conto em que o narrador descreve sua "Che retã/ minha terra", a aldeia natal, iniciando a narração:

> Bella Vista, Paraguai.
> Pequenina cidade do norte do país, perdida no meio do luxuriante cerrado, às margens do rio Apa. "*O Apa, cor de folha, mostra seus seixos rolados no fundo. Verdadeiro e formoso, como Taunay o tratou*" – registra o letrado e andarilho escritor mineiro Guimarães Rosa. Diz o ditado que o Apa é feiticeiro, e quem lhe bebe das águas nunca mais esquece os requebros das paraguaias ao som das polcas e o churrasco gordo nas estâncias, e sempre voltará para matar a saudade (IBANHES, 2010, p. 21 - Grifos do autor).

Neste parágrafo que abre o relato, chama a atenção o fato de o nome da cidade bela-vistense, sul-mato-grossense e brasileira, trazer a marca da língua paraguaia, "Bella", bem assim acompanhando a voz autoral que, no plano da narração, evoca época passada, onde, ao Apa vêm associar-se ecos e lembranças da infância do narrador, como se na correnteza do rio e da consciência, dentro de uma perspectiva na qual a presença da língua, da cultura e das manifestações paraguaias, enfim, sobressaem ao "registro" da língua portuguesa, senão ao próprio registro do autor, cidadão brasileiro; cujo *locus* de enunciação do autor/escritor, principalmente hoje quando se consagra escritor, pressupõe-se ser o componente da língua e cultura brasileiras. Porém,

há que se notar, já nesse aspecto ancoram-se os processos de interculturalidade, matizadores das características fronteiriças, da “passagem” e ultrapassagem culturais, de uma margem à outra do “rio” que divide a cidade de Bela Vista ou “Bella Vista”.

Assim, a “Bella Vista paraguaia” vai se descrevendo: “Poucas casas, poucos habitantes. As moradas, na sua grande maioria, de taipa, cobertas com *capi´ í san-juan*. Os macilhos de capim, apregados com barro vermelho e sobrepostos uns aos outros, formam uma fresca cobertura contra o calor.” (p. 21), ao passo que se circunscreve enquanto comunidade intercultural, fronteiriça:

> Falava-se nas ruas o guarani, tão doce e onomatopaica, língua nativa do Paraguai e de grande parte do Brasil. Estudava-se a língua espanhola nas escolas, uma das freiras e outra pública, esta chamada *Caravosá* (arapuã). Num pé de paraíso, ao lado do prédio da escola, havia um enorme ninho preto desse bichinho que soe grudar nos cabelos dos incautos. (IBANHES, 2010, p. 23)

Na sequência, observa-se o narrador/autor evocando os costumes e práticas culturais do local e destacando o uso do “tererê” ou mate gelado: “Pelas nove horas tomava-se o ‘tererê’”. Decerto que o costume de compartilhar o mate gelado era o “dispositivo” para os causos e lendas no entrelaçar de lembranças e memórias de “che retã”, a localidade que se situa no mundo narrado e projetado como referência da personagem-protagonista:

> Diz uma lenda, *Che vállepe*, na minha região, que uma velhinha azul desce das montanhas e nos traz para a vida, nas planícies do cerrado, e que devemos ser felizes até que ela nos leve de volta para o cume branco das montanhas. Lembranças daqueles momentos: A família na sombra do pé de manga, e tererê fresco correndo de mão em mão, e a minha mãe me dizendo que eu era filho da velhinha azul colocado em berço guarani (IBANHES, 2010, p. 26).

Deste ponto de vista, nossa abordagem e as leituras até aqui realizadas sinalizam para uma ampliação, como em caixa de amplificação e ressonâncias, na tentativa de recuperar toda uma "tradição" da oralidade, que, como se observa, remonta ao clássico *Martin Fierro* e à gauchesca, esta em relação a uma forte e visível presença dos antigos "contadores de causos", e que remonta, à guisa de ilustração, às "payadas" rio-platenses e aos pampas, – das quais são paradigmáticos os versos não só do *Martin Fierro,* mas também os das "coplas e payadas gauchas", recentemente recompiladas por Casiano Suarez (2007)[26]. Salienta-se, desta forma, consistente tradição oral, precedendo o Ciclo do Erval, desde a reconstituição de seu relato mítico-poético, perdido na imemorável oralidade dos tempos, como, com efeito, demonstrou nosso regionalista gaúcho Guilhermino César, ao recuperar as trovas de Pedro Canga[27], na gauchesca, abordadas sob o significativo título *O embuçado do erval – mito e poesia de Pedro Canga,* de 1968. E que assim sintetiza o perfil daquele escritor, misto de legenda e tradição oral que o fez perpetuar-se: "Ninguém se interessou pelo espólio de Pedro Canga. Para que? Era um poeta rústico, um violeiro andarengo, incapaz de sentar-se à mesa; e além do mais – não sabia escrever... A lenda virou verdade; e passou em julgado" (CÉSAR, 1968, p. 14).

---

[26] Ver: *Coplas y payadas gauchas*, de Casiano SUAREZ. Buenos Aires: Editorial Guadal, 2007, 183p.

[27] "Nome de guerra de Pedro Muniz Fagundes, que em 1853 militara nas fileiras da *Legalidade*. Talvez, o mais espontâneo, o mais inspirado poeta do seu tempo. Que, tido como inculto, não era na verdade inteiramente desprovido de letras: "Nessas visitas ao pôsto da invernada costumava ver pelas costas e no fogão do umbu, um Gaúcho às direitas, de melenas caídas aos ombros, barba inteira, sempre de chiripá e esporas nazarenas, às vezes chimarreando, outras tocando viola e cantando versos alegres, que me pareciam tristes pelo tom dolente das notas. Era mais choro do que canto a sua cantoria. Não raro o Capitão Mingote atirava-lhe uma quadra já estudada, em desafio, como que faz um chá-chá! De pelego ao touro empacado; e o trovador se vinha, sem titubear, respondendo aquela, com floreios de língua; e seguia e seguia cantando no mais, sobre o mesmo assunto, como parelheiro que não pára enquanto não chega ao laço da cancha. Pedro Canga era o nome que dêsse cantor afamado corria mundo" (CÉSAR, 1968, p. 12).

3.2 Silvino Jacques segundo Brígido Ibanhes: o último dos bandoleiros

> "(...) a imagem do justiceiro defensor da pátria e dos mais fracos, um autêntico Robim Hood ruralista tupiniquim."
>
> (IBANHES, 2011, p. 13)

Predestinado a matar, Silvino Jacques é representado por Brígido Ibanhes, no romance em questão, como uma personagem da história local sul-mato-–grossense. Ibanhes cumpre, desta forma, com uma das propostas de Roger Chartier, em *À beira da falésia* (2002, p. 68), em que a história passa de sociocultural para ser "cultura do social", a partir do momento em que a história é feita literatura, por exemplo. No romance do *Silvino Jacques*, tudo o que cerca a personagem desde a construção identitária como gaúcho, à formação do grupo bandoleiro além das questões da fronteira Brasil-Paraguai via Mato Grosso do Sul, compõe o conteúdo híbrido da narrativa que tem como *locus* de enunciação o chão sul-mato-grossense, já que o relato é feito por Ibanhes a partir deste Estado.

Nesse sentido, Antônio Lopes Lins apresenta Silvino Jacques ao leitor (no texto de Apresentação do romance de Brígido Ibanhes) exatamente como o sujeito híbrido, deixando evidente a impossibilidade de definir a identidade social do chamado bandoleiro. Assim, Brígido Ibanhes reúne no início do livro entrevistas que fez com pessoas que ouviam histórias de seus pais ou avós sobre o bandoleiro que ora é lembrado como herói e ora como bandido da pior espécie. A partir daí, Ibanhes constrói a imagem de Silvino:

> Na hora do *jeroký-popô*[28], qual não foi a surpresa de todos quando o homem começou a declamar suas décimas gaúchas, dando uma demonstração de grande talento. Todos ficaram estupefatos com a revelação de que na frente deles estava o Silvino Jacques famoso. A partir desse dia, sua fama correu a região e seu nome era lembrado nas rodas de tererê por pessoas interessadas nos seus préstimos, como matador. Revelada a identidade, nada aconteceu que o alarmasse. Ao contrário, todos passaram a tê-lo na mais alta consideração e respeito, por sabê-lo capaz de tais façanhas. (IBANHES, 2011, p. 56-57)

A *roda de tererê*, ou *tereré*[29], a que Ibanhes faz alusão, nos remete à construção do discurso pela oralidade. O papel do escritor passa a ser fundamental, no entanto, na transposição da oralidade para a escrita. Mas, o que é representado na oralidade é também imaginário e, é aí que entra a questão do referente para a representação. Quem aborda esta questão é Antoine Compagnon em *O demônio da teoria* (2012):

> A referência não te realidade: o que se chama de real não é senão um código. A finalidade da *mimèsis* não é mais a de produzir uma ilusão do mundo real, mas uma ilusão do discurso verdadeiro sobre o mundo real. O realismo é, pois, a ilusão produzida pela intertextualidade (COMPAGNON, 2012, p. 108).

Portanto, no caso da narrativa de Brígido Ibanhes, é por meio da reunião de textos transpostos da oralidade para a escrita, e que têm como base um referente não real, mesclado ao discurso do próprio romancista, que Ibanhes cria a sua própria referência para representar a realidade à qual está vinculada a saga de Silvino Jacques.

---

[28] "Baile com danças paraguaias" Cf. IBANHES, 2011, p. 56.

[29] Bebida preparada com a mistura de erva mate, limão e outras ervas e gravetos locais, parecida com o preparado chimarrão do gaúcho, porém, servida com água gelada. As rodas de tereré são típicas nas regiões do Mato Grosso do Sul, Paraná e interior de São Paulo. Geralmente, é na roda de tereré, enquanto a bebida é servida, que são contados os causos locais das regiões que cultivam este hábito.

Por conseguinte, Eneida de Souza, no ensaio “A crítica biográfica”[30], vai ainda mais além no que se refere à relação entre a produção literária, que, por sua vez, pretende ser registro histórico-crítico, e a própria história, no caso de Silvino Jacques enquanto escritor e personagem da própria saga: “A preservação da liberdade poética da obra na reconstrução de perfis dos escritores reside no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano em ato literário” (SOUZA, 2011, p. 19). Assim, a reunião de informação a partir dos relatos orais, somados às *Décimas gaúchas*, de Silvino Jacques, resultam, portanto, no método literário de composição narrativa do romance de Brígido Ibanhes.

Nesta direção, passemos agora às reflexões em torno da imagem de Silvino Jacques enquanto “herói” e/ou “anti-herói” desta narrativa, haja vista que, como já dissemos, o protagonista do romance de Ibanhes, ora é visto como o líder nato e defensor das causas locais, ora como bandoleiro assassino.

3.2.1 Silvino Jacques: Herói ou Anti-herói

A figura do bandoleiro, tema fundamental do romance *Silvino Jacques*, de Brígido Ibanhes, ao mesmo tempo que estabelece uma caracterização do protagonista, pois que funda sua ontologia nos modos da representação e, bem assim, no entrecho da narrativa em questão, desperta a curiosidade do leitor pela configuração de um *ethos* que provém de longas ressonâncias na história da literatura, em especial campo da oralidade, ao qual, assentando raízes profundas, esta figura toma corpo espiralando-se em densa tradição.

[30] Cf. SOUZA. *Janelas indiscretas*: Ensaios de crítica biográfica. 2011.

Acompanhar o quadro de referência deste conteúdo, o herói ou anti-herói, de um certo "tipo" performativo do indivíduo, no tempo e no espaço, constitui não só objeto dos estudos de tematologia, como também, e talvez por isso mesmo, reforça o caráter mítico e ancestral do tema (a vida e a longa permanência de um tema, como o de Don Juan, p. ex.), o que nos permite, no caso da personagem Silvino Jacques, recobrar alguns sentidos históricos da "gênese" deste herói / anti-herói. Para retomar tais considerações, é interessante voltarmos ao subitem 3.1, deste capítulo, principalmente na parte final, onde evocamos a presença da oralidade e suas configurações através dos *payadores*. Esta questão nos levaria a uma rebuscada leitura dos provençais da Idade Média, passando por sua longa ressurgência nas literaturas ocidentais, dentro de um chão cultural que remontaria à uma larga tradição oral na literatura ocidental.

Sobre o aspecto da oralidade no texto *Décimas Gauchas*, crônica de nosso herói da fronteira Brasil-Paraguai, a professora Maria de Lourdes Ibanhes (2013), em recente tese de doutorado, atribui o sucesso e/ou fortuna crítica das *Décimas* justamente ao fato de sua tradição oral, quer dizer, a uma certa forma de repetição de geração a geração, plasmada na capacidade inventiva e na necessidade de resguardar um *ethos* do povo, popular. (cf. p. 81 *et seq*.) E nesta capacidade plástica de reinvenção do *vate*, residiria a vida do poema de Silvino Jacques, mais do que à sua elaboração escrita, que, diga-se de passagem, ao ocupar o espaço da escrita já se tornaria um texto em segunda mão, um palimpsesto de remotas versões, objeto de trans/versões no tempo e no espaço, malgrado nossa estrita dependência da matéria literária escrita. Neste sentido, fixando relações com a poesia do *payadores,* as *Décimas* têm coexistência e conectividade com os improvisadores da campanha, talvez assim como os

repentistas do nordeste brasileiro. De fato, observa a autora da tese, na esteira de Borges, que tanto o Martín Fierro como o Antônio Chimango mantêm voz em uníssono com esta tradição da oralidade.[31] Principalmente, quando, retomando Borges, deparamos com contexto das "orilhas" borgeanas, cujo representante encontra sua natureza na figura do suburbano, discreto e taciturno, a quem Beatriz Sarlo (2007) assim sintetizou – *el orillero, es discreto y taciturno* –, em obra que não só enaltece Borges como fixa a enunciação de um *locus* para as vozes orilheiras, pois, desta perspectiva, a apropriação de toda orilha representa a recuperação de "el medio tono, la media voz, la oralidad, las formas preliterarias, los géneros menores, las palabras usadas con intención irónica o poética en la vida cotidiana [...]" (SARLO, 2007, p. 36, 42). Ou ainda, se, como observa Hartmann (2011), para toda zona de fronteira corresponderia uma forte tradição da oralidade, referindo-se ao poema *Martin Fierro*, que, para alguns, já seria uma narrativa que corria de boca em boca, apenas "literalizada" por José Hernandez, resta também plausível concordar com a crítica, quando adverte que:

> [...] assim como as fronteiras geográficas/políticas da região, as fronteiras entre oralidade e escrita acabam sendo facilmente transpostas e, talvez mais importante, há uma dinâmica entre os relatos orais, a escrita, e os novos relatos orais daí advindos, formando uma cadeia inesgotável de fontes de inspiração para as narrativas populares (HARTMANN, 2011, p. 175).

Segundo o estudo de Ibanhes (2013), um aspecto vital das D*écimas* diz respeito à sua estrita natureza de saga épica construída sobre um imbricamento de relatos cujo fundo (voz da oralidade) resulta de um processo de divinização ou de mitificação. Daí que, do nosso ponto de vista, vai interessar,

---

[31] Em *Agonia do heroísmo: contexto e trajetória de Antonio Chimango* (1980), a pesquisadora Maria Helena Martins observa que tais obras apresentam elaboração erudita simultaneamente com a poesia popular.

ainda, retomar pelo menos um dos textos fundadores do tema em análise (herói/anti-herói), apesar da variada bibliografia, e o fazemos pela obra inaugural de Robert Curtius: *Literatura européia e idade média latina.*

No capítulo IX, “Heróis e soberanos” (p. 221), de seu livro, Curtius recupera das origens, desde a etimologia, a letra e a imago da palavra “herói”, que, saliente-se, nunca é visto sem sua contraface, a do “anti-herói”. É curioso observar que personagens “heróis” são associados a um ideal humano, daí sua relação com o santo e o sábio. Observa Curtius:

> A ideia do herói relaciona-se com o valor vital da nobreza. Herói é o *tipo humano ideal*, com o centro de seu ser fixado na nobreza e suas realizações, portanto, em valores vitais “puros” e não técnicos, e cuja virtude fundamental é, naturalmente, a nobreza do corpo e da ama. O herói distingue-se por uma excessiva vontade espiritual e por sua concentração em face da vida instintiva. É o que constitui sua grandeza de caráter. A virtude específica do herói é seu alto controle. Mas a vontade do herói visa ainda ao poder, à responsabilidade, à audácia. Pode, assim, aparecer como estadista e general, como nos tempos antigos se apresentava como guerreiro (CURTIUS, 1996, p. 223; grifos nossos).

Em seguida, Curtius assevera que “os filólogos relacionam a palavra *Held* (herói) com vocábulos célticos que significam “duro” (*hart*)” (p. 225), e salienta a ideia de que os “homens excelentes participam, depois da morte, de uma bem-–aventurada imortalidade [que] nunca desapareceu e revigorou-se nos fins da Antiguidade. A antiga fé na imortalidade é ‘heroização’ (p. 226) E acentua, ao final de sua discussão, que outra variante do topos nos conduziria ao elogio do “soberano”; quer dizer, distinguindo-se tanto na palavra como na ação, alternando suas atividades entre as batalhas e as Musas, o herói, representado pela figura de Honório, é a reunião do que sempre anda separado: *sabedoria e força, prudência e valor* (cf. p. 234). Não seriam outras palavras diferentes as

utilizadas por Borges e Guerrero (2005), ao reconhecerem um *ethos* "errático" a comandar o arbítrio do Martin Fierro –, com os autores assim caracterizando o contexto do tema e projeção da figura do herói / anti-herói – como já ilustramos em passagem anterior.

Deste ângulo de análise, tanto o poema narrativo *Décimas gaúchas*, escrito pelo bandoleiro Silvino Jacques, quanto o romance-reportagem *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros,* de Brígido Ibanhes têm como base composicional, de tematologia, os feitos e as façanhas do bandoleiro e sua inscrição no tecido da história regional fronteiriça. Verifica-se que ambos os textos circunscrevem-se num espaço textual fronteiriço, uma vez que podem ser lidos como narrativa factual, sem menosprezo das suas características de discurso ficcional. Também ambos os textos transitam entre a crônica e o poema narrativo, com uma forte e preponderante característica de romance-reportagem marcando o texto de Ibanhes. Comprovam-se, ainda, nos dois textos, a presença e a assumida vontade de seus autores em narrar, além dos relatos históricos presumivelmente aceitos como verdadeiros, suas próprias histórias de vida, matizando mais ainda a natureza desses textos como de "cruzamento" de fronteiras, como é o caso dos textos ambíguos, das biografias, da autobiografia e do próprio romance-–reportagem. Com isso, avulta, de um lado, o caráter clamoroso do episódio histórico, datado e situado pela obra de Ibanhes, e, de outro, a importância do evento ficcional, caracterizador tanto do poema em prosa de Jacques como do romance de Ibanhes. Se, admitindo que em ambos os textos a questão está intrinsecamente relacionada com o papel da linguagem, e, considerando que os fatos são também uma ficção, pois são construídos pela interação entre linguagem, experiência e memória, resta considerar a existência de uma zona de

fronteira entre eles e suas discursivizações. Diante disso, a valorização desses textos cresce à medida que se permitem dizer, ora ao discurso factual, ora ao discurso ficcional, situando-se nas margens e fronteiras de um universo e outro, ou seja, entre a lenda e a realidade.[32]

A história do "bandoleiro" Silvino Jacques, revestida em saga heróica, seja pelo seu registro escrito e documental, seja pelas versões orais, quebra a barreira do histórico para transmutar-se na condição limítrofe de lenda, posto na perspectiva do imaginário que o envolve e o redimensiona. E demonstra, por isso mesmo, o caráter semovente de um tema que, fruto de gêneros textuais híbridos, e tributário de sua própria natureza e formação discursiva, requer para sua abordagem um olhar entre limites e fronteiras. Nenhum gênero, nem história, nem ficção, antes o devir do narrar e a condição de texto da cultura, que se coloca à margem, fronteiriço, em transição e em limiar. (Cf. SANTOS, 2010, p. 227)

Enfim o maior desafio que é a aproximar-se da natureza e gênese de um texto, particularmente neste caso: se as *Décimas* (de Jacques) tornaram possível a realização de um romance em saga (de Ibanhes), isso se deve sobretudo à natureza primária da oralidade, que se antepõe a tudo. Isto, porque, dificilmente seria diferente em termos de consequência, uma vez que, como explicam Scholes e Kellogg (1977), finalmente, em texto fundamental sobre a narrativa – A *natureza da narrativa*: " A técnica de caracterização na saga acha-se no meio termo entre a epopéia heróica e o romance de costumes." (p. 121). Ora, proveniente de seminal discursividade oral, as *Décimas* abririam flancos "naturais", por assim dizer, à saga romanesca constitutiva da narrativa de

[32] Cf. SANTOS (2010); SANTOS e IBANHES (2008).

Ibanhes. O que significa reconhecer que, a “natureza da narrativa” resulta, enfim, de um mundo narrado que estaria além da autoria e nome de quem assinou uma obra escrita, como se num “conto”, ou conto de fadas, ilustrativamente, cuja vivência e tradição encontra seiva e prestígio na sua própria “tematização” (tematologia), pois, enquanto “referência” do imaginário e produto do maravilhoso, assim subsumindo o real (e o dado ou histórico) torna-se tão velho como o mundo. Neste domínio, da tematologia, é a literatura comparada quem alerta, chamando a atenção para o grande interesse e longa duração do *maravilhoso* e seu movimento, no tempo e no espaço, dentro da ancestralidade da literatura (Cf. PICHOIS ; ROUSSEAU, 1969, p. 167).

Fig. 2. O escritor Brígido Ibanhes entrevistando Nazário Pereira[33]

[33] Foto do livro *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*, 3. ed. p. 228.

Fig. 3. Silvino Jacques (à esquerda) e um companheiro de boemia[34]

3.2.2 Silvino Jacques segundo Silvino Jacques, antifaces de um personagem protagonista

A composição de Silvino Jacques, desde sua intrincada caracterização física ou psicológica, e revelado como anti-herói fruto de emaranhado modo de narração épica, leva-nos a considerar um particular projeto de escrita e elaboração romanesca tal como teria sido engendrado por seu autor, Brígido Ibanhes.

Quer dizer, a compreensão sobre a tessitura da personagem conduz, neste momento, à análise da própria materialidade da obra de Ibanhes, com o

[34] Foto da obra *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros,* 3. ed., p. 38.

objetivo principal de: demonstrar como a configuração da personagem decorre e resulta de um gesto de escrita, *modus operandi*, que, no caso desta obra, finda por confirmar ou o perfil ou o desenho multifacetado ou o estatuto “ambíguo” da própria personagem. Ou, ainda, da polimorfa natureza da narrativa da obra em análise, corresponderá a qualificação da personagem, herói/anti-herói, que procuramos situar até aqui.

Então, neste sentido, um aspecto relevante diz respeito à ideia central deste trabalho, já sinalizado em seu próprio resumo, qual seja, que a narrativa literária *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros* embaralha gêneros literários, frequentemente confundindo-se num misto de relato histórico e prosa poética e/ou ficcional. Neste aspecto, as nossas considerações acerca da “vizinhança” dos relatos histórico e literário, desde a epígrafe que abre a “Introdução” deste trabalho, encaminham nossas análises para as páginas e os capítulos da obra, mediante os quais salientamos certa originalidade e/ou idiossincrasia do escritor Brígido Ibanhes. O que se comprova na seleção/exclusão de relatos que se às vezes de cruzam, às vezes se desencontram e frequentemente traduzem a voz de um sujeito lírico, muito enamorado da arte da ficção, da poesia, da oratória, que, de modo surpreendente, parecem denegar o relato histórico (a vida de Silvino Jacques, o bandoleiro da fronteira), mais convencendo o leitor astuto pela “poeticidade” ou “literariedade”, ainda quando um narrador, travestido na figura da voz autoral, lança mão de vários expedientes de verossimilhança, como documentos, entre outros, a fim de que o mesmo leitor tenha em mente a figura física de um “herói” protagonista, de carne e osso, que, de “fato” (porém, muito mais de ficção diríamos), teria vivenciado uma história e tomado

parte em um conflito histórico-cultural devidamente documentado, datado e autenticado.

Assim, observemos as primeiras páginas da narrativa, onde lemos, dentre outras passagens, algumas que queremos destacar a seguir.

Afora o fato de tratar-se de palavras finais do apresentador da obra,

> Quero acrescentar apenas que o livro, *uma fiel e autêntica biografia, faz história*, romance e poesia. É um *retrato de corpo inteiro de uma época atribulada de nossa historia,* em um meio circunscrito e selvagem, *romance de movimento e de costumes,* e que terá certamente, milhares de leitores[35] (IBANHES, 2007, p. 12) (Grifos nossos).

E, sintomaticamente, porém, também muito significativamente, o próprio autor Brígido Ibanhes, em texto de "apresentação' à obra, intitulando-a "Liberdade de expressão", sublinha que:

> O objetivo deste meu trabalho é retratar os fatos marcantes da sua vida, e, para isso, inúmeras pessoas foram entrevistadas: parentes, amigos, inimigos, antigos companheiros, pessoas que foram por ele perseguidas e outras. Tive acesso a informações confidenciais dos arquivos do 10º Regimento de Cavalaria, em Bela Vista (MS). Ordenei os fatos minuciosamente descritos por essas pessoas e copilados pelos documentos históricos (IBANHES, 2007, p. 12).

Também faz questão, o próprio Ibanhes, de conferir credibilidade à sua narração, ao ponto, inclusive, de invocar o Nome (Sagrado) de Deus, assim:

> Apesar da violenta pressão, ameaças, provocações e vários processos judiciais, Deus me concedeu, nos tribunais, o direito à publicação, e o nome de Silvino Jacques se integra definitivamente à história do Oeste Brasileiro, com forte repercussão na cultura fronteiriça.
> (IBANHES, 2007, p. 13)

---

[35]Palavras do acadêmico Antonio Lopes Lins, da Academia Sul-mato-grossense de Letras, que escreveu o texto de apresentação à obra *Silvino Jacques,* de Brígido Ibanhes.

Desta citação, afirmação do autor, não pode escapar nossa percepção da sua voz persuasiva, que, aliás, é replicada em inúmeras páginas ou passagens da narrativa, particularmente quando cita longas e repetidas passagens de alegados "documentos" históricos, atos oficias que, em comunhão ou ato falho com o título de sua própria "apresentação" à obra – Liberdade de expressão –, não trazem nenhuma indicação de fontes bibliográficas, salvo palavras *italizadas*.

Com efeito, observe-se na citação a invocação da imagem de "Deus", que lhe teria intercedido nos tribunais, bem como a nota de rodapé, logo após a citação, informando que os referidos processos judiciais são, em verdade: "Medida Cautelar de Busca e Apreensão deferida em 23.10.86 pelo juiz Luiz Carlos Saldanha Rodrigues; Ação ordinária de Indenização por Perdas e Danos – Proc. 370/86". Em realidade, a sentença do MM. Juiz de Direito, após Julgado o processo, liberando livro, reconhece o caráter histórico e mítico da figura do bandoleiro, como se lê em passagem já anteriormente citada à página, porém agora retomada:

> Não há como negar-se à obra (...) de autoria do requerido, o caráter histórico de que é imbuída. (...). Silvino Jacques, efetivamente, é um mito, uma figura histórica do nosso Estado. (...). Finalmente, revoga-se a liminar de busca e apreensão anteriormente deferida nos autos de medida cautelar... (*Apud* IBANHES, 1997, p. 273).

Em ressonância a nossa linha de raciocínio, o segundo capítulo da obra, intitulado "Um nome e um destino" (2007, p. 16), já a partir do próprio título, amplia o campo semântico que o leitor encontrará ao longo da leitura do "bloco" de pequenos capítulos que compõem o livro como um todo, ou, melhor, esboços de " crônicas" que compõem de modo aleatório, e de invisível

sequenciação, nenhuma numeração, entre essas pseudo crônicas do livro e, de modo mais visível, com pequeninos sinais diacríticos (+) marcando a separação dos brevíssimos trechos entre eles mesmos.

Em consequência, o capítulo assim intitulado, “Um nome e um destino”, ainda na parte inicial da obra, refere-se à figura de Silvino Jacques, primeiro, como sendo “Silvino foi um *facínora que deixou seu nome registrado nos anais do crime, no Rio Grande e em Mato Grosso*, [...]” (p. 17. Grifos nossos), segundo, logo na página seguinte:

> [...] era um foragido da lei, por ser um contrabandista, não por querer ter essa “profissão”, mas por injunções impostas pelo seu destino. Meu pai falava dele como homem valente e bondoso para com as pessoas mais humildes e injustiçadas. (IBANHES, 2007, p. 18)

Ora, como se vê, desde os capítulos iniciais, e de apresentação, o bandoleiro, herói/anti-herói Silvino Jacques, é “apresentado” ou caracterizado se não como personagem ambígua, com forte e demarcada verve poética, oriunda de uma “ambiência” sociocultural particular associada à voz do sujeito lírico, criativo, que se pode constatar em inúmeras passagens pontuais de uma “narrativa lírica” do narrador de *Silvino Jacques*. Um contexto sociocultural e ambiente propício ao surgimento da efabulação, da saga do bandoleiro, é bem o que se constata também nas páginas iniciais da narrativa. Pois, seja na região Sul do Brasil, onde já se consagrara como bandoleiro, seja ao chegar ao Sul do Mato Grosso, na fronteira do Brasil com o Paraguai, Jacques já era o que sempre foi, ou seja, como diz o ditado, em matéria de destino, aliás, muitas vezes evocado pelo narrador, “a pessoa é para o que ela nasce”, como diz o próprio narrador logo a seguir: “Silvino, como outros gaúchos malvistos,

resolveu emigrar para o Mato Grosso, onde a lei era do quarenta e quatro." (IBANHES, 2007, p. 25)

Além do destino, chama a atenção a situação de danação do herói/anti-–herói, que, sendo um ser um mal nascido, associado o fato de seguir seu destino numa região mal afamada, a do " quarenta e quatro", isso resulta em que o bandoleiro Silvino Jacques, ao chegar à fronteira, no ano de 1929, encontra prolongamento e solo fértil para suas façanhas, pois:

> Mas nem tudo era paz no cerrado. Era o tempo das brigas das famílias por questão de terras, dos *quatreiros*, dos bochinchos, onde o revólver quarenta e quatro berrava mais alto, só perdendo para o estrondo do mosquetão... (IBANHES, 2007, p. 33) (Grifo nosso).

O contexto desta citação fornece elementos para uma reflexão mais apurada, principalmente em relação à figura dos "quatreiros", uma vez que, ao próprio Silvino Jacques, é atribuída uma série de execuções resultantes deste grupo. Assim se lê na narrativa de Ibanhes: "Diz-se que o próprio Silvino Jacques se servia muito do buracão..."[36] (p. 36).

O "buracão" é referência à prática dos justiceiros usarem o conhecido ponto turístico, Buraco das Araras, como local de extermínio de qualquer desafeto:

---

[36] Já aqui, nesta frase, observa-se um robusto recurso estilístico largamente empregado pelo narrador, autor, Brígido Ibanhes, no registro de seus enunciados, frequentemente atribuídos como se tivesse ouvido dizer, coletando seus pressupostos relatos, que muitas vezes geram no leitor se não uma "desconfiança", uma certa acuidade no processo de construção de leitura. Leia-se a frase, que se inicia: "**Diz-se que o próprio Silvino**..."; ora, ainda quando o enunciado é atribuído ao próprio protagonista, alvo de "escuta" do leitor, o registro dá-se pela modalidade do discurso indireto. A este aspecto ainda retornaremos, nesta tentativa de flagrar componentes de modalização no discurso narrativo.

> Em virtude das freqüentes e traiçoeiras surtidas dos *quatreiros,* os habitantes viam-se na contingência de tomar posição de defesa, e, muitas vezes, antes mesmo do assalto planejado, eram eles batidos e mortos. [...] Nas profundezas do Buracão das Araras, na estrada que, saindo de Jardim segue para a cidade de Porto Murtinho, jazem os restos mortais de *quatreiros* que foram executados por autoridades ou justiceiros, e que tiveram seus corpos jogados no buracão, onde descansam hoje sob o olhar complacente do turista (IBANHES, 2007, p. 36-7) (Grifos nossos).

É significativo, neste contexto, o fato de um dos capítulos do livro dedicar-se particularmente à figura de um "quatreiro" especial: no capítulo intitulado "O quatreiro Emílio Messa", o narrador relata a vida marginal do quatreiro, paraguaio e "chaquenho" Emílio Messa, com quem Jacques viria a se envolver em conflito na região de fronteira (Cf. IBANHES, 2007, p. 163-4).

De fato, ao grifarmos a palavra "quatreiros", queremos abrir um parênteses para explicar a função desses "agentes de lei", que engrossavam fileiras e campanas no sul do estado, tal como são registrados, em bandos, por historiadores como Astúrio Monteiro de Lima, que, em *Mato Grosso de outros tempos* – pioneiros e heróis (s/d), exemplar e edição antigos, lembra que: "Por todo o tempo que medeia entre 1.894 a 1.924, ou pouco menos, a mentalidade predominante na fronteira sul, era a da valentia, das gauchadas, das provocações e também das brigas a facão" (LIMA, s/d, p. 51). Na mesma crônica, sugestivamente intitulada "Deslealdade cavalheiresca" (p. 51-56), o próprio historiador Monteiro de Lima assim registra as façanhas de um desses fora-da-lei, na fronteira Brasil-Paraguai:

> Lá pelo ano de 1.910, trilhava o chão da fronteira um gaúcho argentino, nascido na província de *Corrientes*, filho de pai inglês e mãe paraguaia: Franck Six Moritz, que, vulgarmente, ficou sendo conhecido pela alcunha de Sismório, por sua difícil pronunciação de origem inglesa (LIMA, s/d, p. 52).

E que o próprio Asturio de Lima, quando rapazote, conhecera o Sismório, “como proprietário de um bar e bilhar, na cidade paraguaia de *Pedro Juan Caballero.*” (p. 52) Moço loiro, boa estatura, bigode retorcido, meio *Kaiser,* muito alegre, mas sempre de revólver na cintura, o Sismória atendia à freguesia – assim o descreve Monteiro de Lima. Ao seu lado, atendendo no mesmo bar, o Sismório tinha como garção, um *muchacho* que o acompanhou até a morte, e que era reconhecido como muito mais valente que o próprio patrão, Sismório. Provindos deste contexto de valentia, certo dia, após “uma peleia que travaram com a polícia paraguaia – na qual mataram três, ferindo vários outros – retiraram-se para o lado brasileiro, indo Sismório abrir um boliche, em Jaguartê, para início de nova vida” (LIMA, s/d, p. 52). Curiosas são as palavras de conclusão à sua crônica, pelas quais o historiador encerra as aventuras ou ciclo, sempre desditoso, desses *quatreiros:*

> Tempos depois, por ali passei, e vi um esteio de aroeira do rancho que ele ali erguera.... o velho esteio está ainda ali como um marco a simbolizar um passado, já distante, e, certamente inglório, mas em todo caso, histórico, e que marcou para todo o sempre a nossa agressiva vida fronteiriça (LIMA, s/d, p. 52).

Enfim, salienta-se desta forma o contexto das façanhas dos *quatreiros,* reconhecendo-se, através de suas práticas nada cavalheirescas, um ideal de valentia e “justiça”, sempre imbuído de pilhagem, pelas próprias mãos, cujo ideal de forma paradoxal muitas vezes recaí sobre os próprios bandos de *quatreiros*, daí a expressão “deslealdade cavalheiresca”, que intitula a crônica de Monteiro de Lima, e vaticina um final ou destino inglório para o valente Sismório:

> Sismório, vencido e humilhado, acercou-se do seu cavalo, retirando da garupa, sem que fosse visto, uma pequena carabina 38 e gritou para o João Rauer:
> – Prepara-te! (LIMA, s/d, p. 56).

Na crônica seguinte, sugestivamente intitulada "A mentalidade do revoltoso", o historiador assim pontua a desditosa trajetória dos *quatreiros*:

> Certo dia, estava eu no Regimento em palestra com o Cel. Péricles, quando chegam numa condução do exército, quatro paisanos presos, procedentes de Amambaí, encaminhados pelas autoridades policiais dessa localidade. No oficio vinha a explicação: "*São quatreiros, apanhados em pilhagem na região*." (LIMA, s/d, p. 64) (Grifos nossos).

Em relação ao nosso anti-herói, a personagem protagonista Silvino Jacques, ressaltam-se identificações seja na forma do relato textual, "cronístico", do qual se depreende em particular a flagrância daquele mesmo contexto mítico-–histórico, subjugado aos liames do destino, por isso lendário, que, ao final, selará as façanhas e o *ethos* jacquesiano. Vejamos, por exemplo, o capítulo da narrativa *Silvino Jacques*, cujo título "Rosário de mortes", muito sugestivo, em tudo e por tudo vai bem caracterizar, a esta altura da narrativa, já na página cento e três, as tão repetidas e "aplaudidas" façanhas do protagonista do relato:

´

> E foi assim, amealhando um rosário de mortes e atentados, somados ao que ele confessa nas suas *Décimas Gaúchas*, que com apenas vinte anos já havia matado vinte e duas pessoas, como certo dia confessou ao amigo Bernabé Cristaldo.[37] (IBANHES, 2007, p. 104)

[37]Aqui é preciso destacar que, a simples "lembrança" das *Décimas Gaúchas*, por parte do narrador, como se de autoria da personagem Silvino Jacques, não pode passar desapercebida e sem o seu devido contexto ao longo da narrativa e de sua própria natureza de texto, sob o qual ainda se pode examinar e argüir sobre a autoria das *Décimas.* É curioso, sintomático, que o registro oficial, em cartório, do texto das *Décimas*, tenha sido efetuado, em certo tempo, pelo tabelião Luiz da Costa Leite FALCÃO, o pai de Raída, a esposa de Silvino. Cf. capítulo intitulado "Raída a grande paixão". (IBANHES, 2007, p. 80). Isso deve-se pontuar em função do

Duas observações, a nosso ver relevantes e auspiciosas, brotam desta passagem e da própria crônica como um todo.

Primeiro, a do gesto "afirmativo", de busca de verossimilhança, porém, nunca confirmado pelo narrador (autor), acerca do "rosário de mortes e atentados" bem como da juventude (apenas vinte e três anos) e do correspondente número de pessoas assassinadas por Jacques, vinte e duas, e tudo isso, sublinhe-se, tão somente corroborado pela informação "como certo dia confessou ao amigo Bernabé Cristaldo"; a segunda observação diz respeito à estratégia textual empreendida pelo narrado (autor), o que, aliás, restabelece nexos de sentido e conexões para a primeira: ou seja, esta crônica, intitulada "Rosário de mortes", acaba gerando sentidos superlativos às façanhas e à heroicidade de Jacques, ao mesmo tempo em que, situada ao meio da página cento e três do livro, subdividem-se seus curtos minirelatos, em quatro partes, logo ao final da página seguinte, a cento e três. Ou seja, tanto no conteúdo das informações quanto na forma da expressão desses conteúdos, esta crônica, posicionada à página cento e três do livro, ilustra comprovada desconexão com os títulos anteriores, bem como com os posteriores. É desconcertante, e ao mesmo tempo produtivo em leitura, verificar que apenas um sinal diacrítico (+) marca a separação, nunca a numeração entre as crônicas, e, ainda pior,

---

"rastreamento" que elaboramos sobre a trajetória das *Décimas* que seriam cantadas por Silvino, depois lhe atribuída a autoria. Aliás, um exemplo ilustrativo desta discussão está no fato de Silvino Jacques surpreender seu bando e parceiros logo que, de pronto, começava a "declamar" sua décimas. Isso num contexto, repetimos, no qual o próprio Silvino já tinha vindo de longa vivência no sul do Brasil, e ao aportar na fronteira, pelo curso de dez anos, ter-se consagrado não só como o grande "bandoleiro" mas também como o "autor" dos versos das *Décimas.* Cf., por exemplo, relato do narrador à página 44: "Na hora do *jeroký-popo* [baile com danças paraguaias], qual não foi a surpresa de todos quando o homem começou a declamar suas décimas gaúchas, dando uma demonstração de grande talento. Todos ficaram estupefatos com a revelação de que na frente deles estava o Silvino Jacques famoso." (IBANHES, 2007, p. 44)

marca também as subdivisões dentro da aludida crônica, expediente que se repete nas demais crônicas.

Assim posto, desta forma o leitor toma conhecimento das “horripilantes” façanhas de Jacques, frequentemente amparadas ou pelo “frame” das estratégias textuais, que incluem títulos em caixa alta, pequenos “sketches” ou “blocos” de enunciados, recortes de jornais, fotografias e de “prováveis” documentos, ou, de resto, pela voz autoral de forte cunho persuasivo, que, ainda nesta página cento três, acaba formando o emaranhado textual (emaranhado que, observe-se, cria um misto de hibridismo das projeções do eu narrador – autor -, da personagem protagonista Jacques, além dos vários recursos plásticos sinestésicos e visuais que, *grosso modo*, emolduram o relato), como se lê na seguinte passagem que inicia a “crônica”, na aludida página cento e três:

> *Silvino Jacques carregava nas veias os fluídos (sic) da morte*. *Assim foi desde os quinze anos,* quando nos arredores de São Borja pescava num córrego. A fogueira ao lado assava o pescado, quando, entretido, não percebeu os dois sujeitos que se aproximaram e chutaram o braseiro, esparramando tudo pelo chão. O pescador levantou-se com calma, prendeu o caniço numa frincha de pedra e, ajeitando o braseiro, tomou do caniço e continuou a pescaria, ignorando os desordeiros que repetiram a ofensa. Foi brasa para tudo que era lado de novo.
> – O que vocês estão querendo?
> Os dois mantinham sorrisos zombeteiros.
> – Ah! Já sei o que vocês estão querendo!
> *Sacou do trinta e oito, e tomado por um impulso assassino, meteu chumbo nos dois. Na beira do córrego ficaram as primeiras vítimas de um rosário de vítimas.* (IBANHES, 2007, p. 103) (Grifos nossos)

De resto, observe-se que, nesta mesma crônica, ainda e já à altura da página referida (p. 103), praticamente situada ao meio do livro, o narrador (autor) retoma seu objetivo de carregar com tintas “cruentas” o rol de estripulias do herói bandoleiro, Silvino Jacques. Isto não seria exagero, ou zelo de um

meticuloso “contador de histórias”? pôr um revólver trinta e oito em mãos de um menino de quinze anos de idade? E, por consequência, atribuir-lhe um “impulso assassino” e responsabilidade por várias vítimas?.[38] E, com muita e maior insistência de sua parte, o narrador ao mesmo tempo em que colore em sua verve criativa o perfil do protagonista, conclui este enunciado, bem como essa crônica inteira, e daí repercutindo em tantas outras, anteriores e posteriores, com indisfarçável força persuasiva e nenhuma indicação de fonte, ou, de onde teria buscado as informações tão carregadas em tinta e colorido que, em verdade, resultam como enunciados textuais, ficcionais que parecem brotar do sujeito criador, o qual dá vida e consistência à figura de Jacques – um protagonista, herói/anti-herói mais fruto da imaginação criadora, das palavras e da estratégia textual engendrada pelo narrador (autor).

Nesta linha de raciocínio, e, ainda visando à configuração de nossa personagem protagonista, da sua natureza híbrida, em caráter frequentemente decalcado em confluências com outras personagens, em especial com o próprio narrador, autor (que nos interessa repercutir), é que se deve observar momentos da narrativa em que se esses liames são “inconscientemente” tematizados na narração. Como, por exemplo, no capítulo intitulado “Adeus ao niquelato”, que se inicia com parágrafo que discorre sobre relações da família Ibanhes (do autor) com o universo discursivo da obra, ou seja, emaranhamento entre o narrador (testemunha) e a trama da narrativa:

[38] Cf. enunciados em itálico, na referida citação, acima.

> Florentino Ibanhes, em companhia do irmão Paulino e do tio marciano Ibanhes, estavam levando um lote de gado para a invernada da fazenda recreio. Transcorria o mês de março de 1936. Lá estavam ao entardecer, no pouso do retiro do Carapê Tujá [velho] (IBANHES, 2007, p. 155).

Nesta passagem, afora a presença ostensiva da família Ibanhes, fato que se redimensiona em importância noutros momentos da narrativa, é de se observar igualmente um outro fato, na citação, que torna implicativa a presença do narrador, com sua insistência na persuasão do relato, uma vez que o leitor não encontra nenhum ancoragem para a informação de que o ano era realmente o de 1936, como também não reconhece as marcações do dia e do lugar. Quer dizer, o verso que se inicia com “La estavam ao entardecer, ...”, nessa citação, só pode ser auferido como uma livre expressão do eu lírico, expressão da imaginação poética do narrador.

Essas observações tornam-se ainda mais produtivas em sentido, na medida em que deparamos com a nota de entrevista que Brígido Ibanhes concedeu à imprensa, colada logo à pagina seis do livro, que diz:

> O escritor disse que ainda que nasceu oito anos depois da morte de Silvino Jacques. Mas, durante toda a sua infância, cansou de escutar seus pai, tios, e vizinhos, contarem as façanhas e as mortes cometidas por Silvino. “Muitas vezes, acordava altas horas da noite e, através da parede de taipa, escutava meu pai Aniceto e a minha mãe Affonsa, dois personagens importantes desta história, trocando informações, encaixando os fatos, reconstituindo a história testemunhada e vivenciada. Nada escapava ali nessa conversa, os mínimos detalhes eram ponderados, e muitos anos depois, quando deram seu depoimento, surgiu esta fantástica história, com toda a força dos seus entreveros e todo o calor das suas paixões” (IBANHES, 2011, p. 6).

A leitura dessa citação, particularmente selecionada para nossa argumentação neste subitem do trabalho, em especial também por vir como frontispício, ou seja,

uma epígrafe assumindo a forma de paratexto ao livro de Ibanhes, parece dizer, por si só, o que a nossa leitura da obra em análise, sobretudo da constituição da personagem protagonista, pôde depreender ao longo da narrativa: o personagem protagonista, nosso herói/anti-herói, bandoleiro Silvino Jacques, cresce em expressividade na medida em que se deixa flagrar como produto de um texto híbrido, de linguagem, no sentido em que o aspecto que mais merece a apreciação do leitor é justamente o universo criativo que o constituiu, em espaços e tempos tão díspares, ontem e hoje, na imemorabilidade do cancioneiro popular, e muito menos na recuperação documental de seus feitos, num tempo tão restrito de dez anos na fronteira do Brasil com o Paraguai.

De outra perspectiva, mas que anda em paralelo com nossa argumentação, insistimos na compreensão do aspecto que realça a riqueza da expressão literária, o verso estilizado em que o narrador, autor, deu força e criatividade à personagem protagonista e a tudo o mais em torno dela. Este deveria ser um aspecto fortemente destacado por estudiosos da obra. Pois são variados os exemplos de elaborada prosa poética, como se observa, entre outras, em passagem do capítulo “Morre Adão Jacques”:

> – R*amón*! – o sotaque lhe traía.
> Com a insistência, o *Ramón* fez sinal à mulher que soltou a tramela da porta. O Adão, interpretando o barulho como um preparo para a tentativa de fuga, empurrou violentamente a porta e pulou para dentro. Recebeu dois tiros de quarenta e quatro em pleno pleito e foi catapultado par a fora do rancho. ***Ainda em pé girou como se dançasse um vanerão.*** E os companheiros ficaram perplexos com o estranho comportamento. Pensaram que foi o Adão que atirou e que, matando o paraguaio, agora festejava a vingança. Aí ele parou e caiu. Caiu abraçado com a morte. [...] O Ramón abriu as janelas dos fundos, como uma onça enjaulada, fazia que ia escapulir pela janela, desistia, e ameaçava sair pela porta. A cada investida o bando ameaçava atacá-lo e assim ficaram por vários momentos, num estranho vai-e-vem do balem da morte iminente (IBANHES, 2007, p. 199) (Grifos nossos).

Sublinhamos, em negrito, ao meio da citação acima, a expressão que se prolonga nos enunciados da narrativa: aliás, outras alternativas estilísticas encontram-se com esta, cujo agenciamento indica que tais "expressões modalizantes" surtem forte efeito estilístico, e, paralelamente, corroboram ao chamado "efeito de real", ambos os aspectos analisados por estudiosos do discurso, da teoria literária. Leiamos, com esta perspectiva, as passagens a seguir:

> O Cepi morava para os lados da fazenda San Felipe, do Felipe Balbuena, amigo do peito do Jacques***. Comenta o povo que*** o Felipe Balbuena, depois da morte do bandoleiro, [...] (IBANHES, 2007, p. 154).

Tais expressões tornam uma constante no plano do enunciado da narrativa de Ibanhes, positivamente complicando as relações entre os planos do enunciado e da enunciação, e as conseqüentes implicações disso, entre o que é dito e o evento propriamente dito. Leiamos novamente à página noventa e quatro da narrativa, quando o narrador inicia o relato do capítulo intitulado "O fracasso comunista" (2007, p. 95):

> Contam os historiadores:
> *"Antes da revolta paulista, em 32, Getúlio Vargas procurava* [...]"
> (IBANHES, 2007, p. 95)

Como se vê, além de iniciar um relato, presumivelmente importante para a sua narrativa, com um tempo verbal que compromete o estatuto da enunciação (no nível do evento, propriamente), perguntamos como, e em quê condições, o leitor garantiria a verossimilhança de um relato iniciado por um sujeito indeterminado, "Contam os historiadores:", e, pior que, neste caso, após todo o relato, que vai da página noventa e cinco até a página noventa e nove,

concluído o enunciado, e fechadas as aspas, não se localiza nenhuma fonte atribuída aos referidos historiadores. Ou seja, como parece ocorrer com frequência, se o leitor não está sendo subestimado na sua capacidade crítica de verificar os componentes narratológicos, é provável, então, que, ao leitor ibanhesiano seja condição *sine qua non* compreender, interpretar, valorizar as estratégias narrativas como se provindas de um universo cultural, *grosso modo,* inscrito no espaço da cultura, da lenda, da saga, enfim, do nível do possível imaginário popular.

Digna de nota é também a passagem do capítulo "Invernada reiúna", após longo parágrafo de sua narrativa, o narrador destaca, em linha separada, a última frase que se conclui com sinal de reticências, assim:

> ***Contam-se muitas estórias...*** (IBANHES, 2007, p. 58) (Grifos nossos)

Com efeito, enfatiza-se, além disso, neste mesmo capítulo, "Invernada reiúna", aliás de grande fôlego poético do narrador, ilustrativo exemplo de elaborada prosa poética, cujo longo trecho do capítulo, que se estende da página cinquenta e seis à página setenta e oito, lê-se em função do estilo, da subjetividade, diga-se, de uma prosa poética de sensível vigor:

> Os cavalos e os armamentos foram tratados, aqueles na forragem escassa e estes na limpeza e lubrificação. Uns dormiam desmaiados sobre os bacheiros e pelegos, ou sobre as mantas do exército. As moscas rondavam as bocas abertas por onde escapava o mau cheiro do estômago vazio. As remelas e as profundas e negras olheiras espelhavam o sofrimento daqueles homens empurrados para uma revolução, cujo motivo a maioria ignorava (IBANHES, 2007, p. 72-3).

Prolongam-se, desta forma, os recursos estilísticos, estratégias textuais, aos quais a teoria da literatura atribui-lhes como efeito de "condicionamento" do próprio discurso –, das projeções do narrador que, no caso em análise, condiciona a perspectiva do leitor acerca da personagem protagonista.

Quer dizer, de outra forma, o narrador põe em demanda expressões de *natureza modalizantes,* às quais mostram-se, invariavelmente, como *expressões figuradas*[39] por uma forma modal, tais como: "como se", "talvez", "dir-se-ia", mediante as quais o narrador mostra sua posição de "alheamento", uma vez que essas mesmas expressões figuradas formam um escopo narrativo, seu investimento resulta em procedimentos (narrativos) que põem em relevo as referidas expressões modalizantes, que são em última instância condicionantes da leitura, do leitor.

---

[39]Para a verificação desses aspectos da teoria da narrativa, remetemos para: TODOROV (1975), e para CARVALHO: *Foco narrativo e fluxo da consciência: Questões de teoria literária (*1981), que retoma sob a perspectiva do foco narrativo a análise das "palavras de alheamento" ou "words of estrangement", desenvolvidas pelo teórico e crítico russo Boris USPENSKI, em *Poética da composição* (Uspenski, 1973, *apud* Carvalho, 1981, p. 35). Em torno da mesma problemática, de um modo mais ampliado, ver: MIGNOLO, Walter, em *Elementos para uma teoria del texto literário* (1978), no qual o conhecido teórico realiza aprofundada análise da narrativa sob as diversas implicações e ocorrências a partir da utilização do ponto de vista do narrador / observador.

3.2.3 A saga do herói / anti-herói, ou universo do tema "Silvino Jacques"

Com esse subtítulo, pretendemos argumentar acerca da constituição do protagonista Silvino Jacques através da forma ou "gênero" literário que viria a consagrar pelo acolhimento do tema do anti-herói, e, na discussão desta perspectiva, buscar também como a relação e/ou decorrência do "gênero" e, em consequência, a tematização dos feitos do herói/anti-herói na sua própria constituição, enquanto ligada a um aspecto heroicizante particular, que o colocaria em um contexto literário particular: a constituição da personagem na forma de saga com forte presença do herói/anti-herói picaresco.

Assim, convém assinalar a base de nossa argumentação. Retomamos o inédito trabalho, tese de doutorado da professora Lourdes Ibanhes (2013), principalmente pela remissão feita à noção de saga, no sentido em que a pesquisadora se propõe a analisar o documentário *Selvino Jacques: A saga de um bandoleiro*, o filme de Hamilton Medeiros[40]. Em alusão à "saga, em sua tese, a autora buscou o conceito operacional para tal, como também forneceu indispensável bibliografia para esta análise.[41] Ao aproximar a "saga" de Silvino Jacques à constituição temática de personagens como Dom Quixote e Martín Fierro, Lourdes Ibanhes (p. 68) alega que a saga desses heróis resulta dos "motivos", aspectos literários que os constituíram "desde o seu nascimento à sua morte, o que, no caso de Jacques, seu protótipo de gaúcho "ancestral" somado à

[40]Destacamos o título com objetivo de sublinhar a palavra "saga" já ali empregada: este documentário tem direção de Hamilton Medeiros, produção de Pepe Faviere e roteiro de Maranhão Viegas. Cf. *SELVINO Jacques: A saga de um bandoleiro* (2006).

[41]Além da volumosa e proveitosa tese da professora (2013, 245p.), ela indicou preciosa referência de obra cuja abordagem, apesar de relevante, não fora contemplada em sua reflexão, senão *an passant,* e que a obra em questão trata-se da tese de livre-docência de Mario Gonzáles, intitulada: *A saga do anti-herói* (1994), que lhe fora "cobrada" pelo examinador da tese, professor Antonio Roberto Esteves.

sua história renderam-lhe biografia fabulosa". Nesse sentido segundo qual "a saga ladeia o mito", mais incisivamente quando a autora busca na obra de Mircea Eliade este aspecto essencial: "[...] muitas vezes é difícil decidir se a saga conta a vida heroicizada de um personagem histórico ou, ao contrário, um mito secularizado" (ELIADE, *apud* IBANHES, 2013, p. 69). A reflexão da autora é enfática:

> No caso de Silvino, sua historia não deixa de estar impregnada do *elemento mítico,* tanto na forma do gaúcho ancestral quanto pelo *fato de que tudo que acontece em sua vida é por ele atribuído ao destino, ou seja, ele não tem livre arbítrio, é governado por este destino que, ao invés de herói, o faz anti-herói. De qualquer forma, sua saga é heroicizada.* (IBANHES, 2013, p. 69) (Grifos nossos)

González (1994), por sua vez, estabelece relações entre a perspectiva picaresca como base para a compreensão da figura do anti-herói, inclusive confrontando obras de nossa literatura, como, por exemplo, *Memórias de um sargento de milícias,* onde a figura do malandro foi objeto de estudo em famoso ensaio do professor Antonio Candido – "Dialética da malandragem (Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias)". Ainda que não evoque forte caracterização ou vínculo com um "gênero" picaresco, mais propriamente, González defende que narrativas assim caracterizadas, com ostensiva presença do anti-herói são adequadamente adjetivadas como picarescas. A propósito, parecem muito significativos não só o título concreto, inteiro deste romance(seria mesmo um romance?) de Suassuna: *Romance d' A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, mas também o "Prefácio", interrogativo, intitulado "Um romance picaresco?", escrito pela imortal Rachel de Queiroz, que oportunamente assinala:

> Mas se o hábito da rotulagem faz a gente insistir na tentativa de situar o livro dentro de um gênero – pois que então fique como romance; será romance este livro tumultuoso de onde escorre sangue e escorrem lágrimas, e há sol tirando fogo das pedras, e luz que encandeia, e um humor feroz e uma ainda mais feroz e desabrida aceitação da fatalidade. *Contudo, também poderia ele ser uma Crônica – no sentido de que relata casos supostamente históricos, guerras e armadilhas e elevação e trucidamento de reis, rainhas e princesas. Mas também é profecia e doutrinação, também é romance de cavalaria* [...] (QUEIROZ, *apud* SUASSUNA, s/d, p. 5) (Grifos nossos).

A interrogação de Rachel de Queiróz e consequente discussão que trava em seu prefácio, correspondem ao hibridismo e à intertextualidade dessas obras, sobretudo porque, nesta tradição, elas são marcadas, entre outros aspectos, por um forte teor intertextual, além de ora jogar com fatos aparentemente históricos, ora com dados ficcionais. Assim, sinteticamente, González procura formular o sentido de uma narrativa picaresca, que, então, seria o seguinte:

> A pseudo-autobiografia de um anti-herói, definido como marginal à sociedade, o qual narra suas aventuras, que, por sua vez, são a síntese crítica de um processo de tentativa de ascensão social pela trapaça e representam uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro, seu protagonista (GONZÁLEZ, 1994, p. 263).

A citação mereceria maior destaque, pois, para além de sua especial configuração, servindo ao nosso herói protagonista, Silvino Jacques, ela se alicerça sobre uma ideia basilar, ou seja, que apesar de longa tradição na historiografia literária ocidental, não há um consenso sobre o gênero picaresco, tampouco um acordo sobre a extensão histórica do termo (GONZÁLEZ, 1994, p. 205). Neste contexto, completando a configuração de “O anti-herói” (título do capítulo de González), é que opera o sentido do próprio termo “anti-herói”, pois que se instaurando em um texto ficcional narrativo, o mesmo termo funciona paralelamente ao de herói como sua contrapartida. Desta relação enviesada é

que se deve constatar a “forte vinculação da ficção à História”, onde as implicações intertextuais entre texto *vs*. contexto, para o que, segundo o autor, seria relevante sublinhar:

> [...]o anti-herói denominado pícaro, seu aventureiro projeto de ascensão social pela trapaça e a sátira social traçada na narração desse percurso, fora os aspectos formais [...] sempre tivemos em mente o destaque que merece o anti-herói, porque parece-nos ser sua perspectiva marginal, paródica, a que impõe o restante. Com o pícaro (ou com o malandro), o ponto de vista estará sempre colocado embaixo [...]. Por isso é sua saga secular o que colocamos como eixo do nosso percurso (GONZÁLEZ, 1994, p. 18).

Enfim, parecem relevantes as observações mais iniciais de González, pois, ao reconhecer antes de tudo que o assunto requer abordagem comparatista, remete a análise para o campo fluido e esfumaçado que diz respeito ao estudo de temas (tematologia), mitos e motivos na literatura e cultura ocidentais: “Trata-se, sem dúvida, de um assunto próprio da Literatura Comparada. Em seu excelente manual *Entre lo uno y lo diverso*, Claudio Guillén começa por definir a Literatura Comparada” (p. 12); e que, apesar da problemática natureza das terminologias neste campo de estudo, o próprio Guillén menciona o mito de Don Juan – o domínio da tematologia como espaço mais universal de explicação da “temática”, ou seja:

> Ejemplo de fonómeno que supone relación genética sería la novela picaresca o el tema de Don Juan. Lesage traduce a Mateo Alemán, Smollett traduce a Lesage, Dickens lee a Smollett, Kafka (aludo a *Amerika*) a Dickens, etcétera.” (GUILLÉN, *apud* GONZÁLEZ, 1994, p. 12-13)

Como se vê, vale frisar, a presença de um amplíssimo solo cultural, temático, que, decerto, resultando como contraponto ao regime da literatura

escrita no ocidente, finda em larguíssimas bases na oralidade, anteposta a esta literatura, mas, ao mesmo tempo, tecendo um sua contra face crítica à constituição canônica do(s) herói(s) canonizados pela literatura. Aliás, é este o ponto de vista sensivelmente defendido por Manuel Costa Pinto, ao discutir esta reviravolta dos heróis, travestidos de "Anti-heróis da modernidade".

Neste texto, o autor observa que a centralidade das personagens anti-–heróis está no questionamento que propõem para revelar e denunciar a virilidade e a imoralidade dos heróis. Que os anti-heróis seriam os opositores dos ferozes e impetuosos heróis literários, quer dizer, tais personagens mostram "o caráter profundamente imoral ou amoral, nocivo e dogmático do herói." Reconhece o autor, que, dessa forma, a morte do romance corresponde à morte do herói, e bem assim pelo surgimento da figura do anti-herói na literatura moderna.[42]

O anti-herói é, assim, o oposto do herói, caracterizado como alguém audacioso, impetuoso, feroz, imoderado, astuto, etc. Costa Pinto ainda destaca que a heroicidade do anti-herói encontra-se no reconhecimento de sua anti-heroicidade, na sua incapacidade frente à realidade de que está cercado, humanidade na medida de nossas possibilidades; e cita como exemplo, entre outras personagens, Macabea, protagonista d' *A hora da estrela,* de Clarice Lispector, que, embora ocupe o centro da narrativa, não é senão o exemplo do sujeito que não consegue agir, do excluído, que vive à margem do sistema, incapaz de se integrar com ele.

---

[42]Trata-se de uma das palestras que compõem o "Balanço do século XX - paradigmas do século XXI: mitos literários do ocidente e a modernidade. "Os anti-heróis da modernidade", proferida por Manuel da Costa Pinto, disponível em DVD, produzido pelo Espaço Cultural CPFL, e também no site: https:// //www.youtube.com/watch?v=9nvHmxSOa48, em canal do youtube.

Visto desta perspectiva, com foco no chão da cultura ocidental ou em especial da literatura brasileira, essa em sua tradição historiográfica, é ainda pertinente destacar o tema do "anti-herói" em sua relação com os prosadores em geral – sejam os provençais, sejam os do cancioneiro de modo geral, sejam os textos que dão vida e longa tradição aos contadores de histórias nordestinos: o romanceiro, a literatura de cordel, uma das manifestações mais importantes de nossa cultura, e textos como os de Suassuna[43], *Auto da compadecida,* por exemplo, obra que retoma recontando as proezas do famoso João Grilo[44] (anti-–herói famoso nas telas do cinema e do teatro) –, lembrando que em nosso cotidiano de estudo e ensino da literatura estes textos e seus protagonistas só muito raramente comparecem nos conteúdos programáticos. Talvez pela natureza híbrida e decalcada na voz popular em que tais textos aparecem, sua singularidade e difícil veiculação, no mercado editorial.

---

[43]Já nos referimos à obra do escritor, porém, devemos notar que, desta perspectiva de análise, sua significativa produção literária tem sido objeto de notáveis pesquisas, nesta linha, como a que realizou Elizabeth MARINHEIRO, da Paraíba, em reconhecida tese de livre docência, esclarecedora análise das vozes da oralidade, das textualidade ou "formas simples" em *A pedra do reino*. Cf. MARINHEIRO. *A intertextualidade das formas simples (aplicada ao romance d'**A pedra do reino,** de Ariano Suassuna).*

[44] ("Proezas de João Grilo". Autoria atribuída a João Martins de Ataíde, in *Literatura Popular em Verso*. Antologia- Tomo I, Rio de janeiro, MEC-Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964). Cf. BECHARA *et al*, 1977, p. 272.

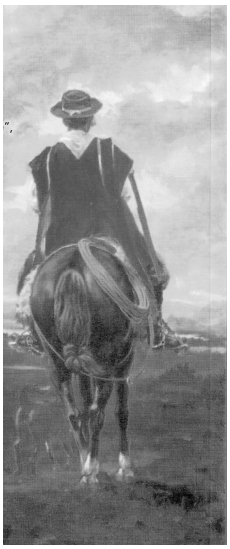

Fig. 4. Recorte da contracapa do *Martín Fierro*.

Assim visto, em sintonia com nosso objeto, a "crônica" de Silvino Jacques, há que observar a contribuição de estudiosos, ao analisarem folhetos e anti-–heróis, pouco lembrados, como o anti-herói João Grilo, protagonista "[...]anti-–herói, criação popular, porta-voz e vingador, à sua maneira, do mais fraco diante dos poderosos.". Fruto de uma condição contextual e histórica particular, favorecendo o surgimento deste protagonista inscrito em uma tradição oral ou em textos cronísticos, sextilhas, décimas, de restrita repercussão, veiculação, no ambiente acadêmico e editorial; vejamos a emblemática passagem que prolonga a reflexão do estudioso[45]:

[45]Em longo e minucioso estudo, o conhecido professor e filólogo Evanildo BECHARA, mais do que realizar copioso capítulo de obra (p. 254-317), registra as inúmeras versões em folhetos, textos avulsos, anônimos, que compõem prestigioso arquivo da renomada Casa de Rui Barbosa. Cf. destacada fonte citada por BECHARA:
("Ciclos temáticos da Literatura de Cordel", Manuel Diegues Júnior, in *Literatura Popular em Verso*. Estudos – Tomo I. Rio de Janeiro, MEC – Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, p. 3-23 e 52-60.)

> O texto em verso apresenta características comuns, quanto à forma, de grande número de poemas do nosso *romanceiro*, nome que se dá ao conjunto de composições poéticas de origem popular. Tais poemas, em geral narrativos, apresentam muitas vezes aspectos líricos, e mesmo dramáticos – isto é, formas dialogadas, parecendo cenas de peças de teatro. São sempre cantadas ao som de um instrumento, e, às vezes, acompanhadas com danças. (BECHARA *et al,* 1977, p. 315)

Ainda enfatiza o estudioso que, "nesta parte de anti-heróis" (p. 313), um nome muito significativo é o de Malasartes, cujas artimanhas, proezas, diabruras se reproduzem através de gerações: "Malasartes, que não é senão o que faz malas artes, na identificação ibérica, é figura universal. Em Portugal o venerando Leite de Vasconcelos o encontrou, no conto popular, como Pedro das malas Artes" (BECHARA *et al,* 1977, p. 307). Prefigurando esta tradição, o estudioso, em passagem antológica, menciona o caudaloso chão cultural e da tradição oral, no qual esses anti-heróis narradores robustecem a nossa historiografia literária:

> As negras velhas contadoras de estórias, *narradoras fecundas de décimas ou sextilhas,* aquelas mesmas de que falaram Bernardim Ribeiro, no século XVI, e Garret, no século XIX em Portugal, persistiram no Brasil. José Lins do Rego recordou-–nos que iam de engenho em engenho narrando seus cantos. E Cascudo registrou as trinta histórias, tais como lhe foram contadas por Bibi. *De modo que não foi difícil fundir-se com a lusitana a tradição africana, no encontro verificado na nova terra americana, o Brasil* (BECHARA *et al*, 1977, p. 299) (Grifos nossos).

Diante dessas considerações, em consequência, em especial no tocante ao aspecto poliformo das crônicas de nosso herói/anti-herói Silvino Jacques, pensando tanto no texto das *Décimas,* em particular, e na obra de Brígido Ibanhes como um todo, nos usos, retomadas, que o escritor faz daquelas décimas – as quais seriam o texto gerador, o eixo da narrativa de Ibanhes –, é que passamos a destacar a recorrência da natureza performática de ambos os textos, na estreita relação que eles mantêm com o seu deslocamento no espaço

textual e, bem mais enfaticamente, na produção de leitura e de sentidos com às quais o leitor depara na hora da explicação dessa(s) obra(s).

Leiamos, por exemplo, as páginas oitenta e quatro e oitenta e cinco da narrativa de Ibanhes, onde o narrador informa que o herói protagonista, Silvino Jacques, fora levado a júri na cidade de Santo Ângelo, e condenado, transferido para a Casa de Correção em Porto Alegre (IBANHES, 2007, p. 84). Nesta época da prisão, a mulher de Jacques, Raída, grávida, permanecera num sítio na região de Bonito;MS. Os versos, em sextilhas e formando seis estrofes, não figuram no que viria a se consagrar como o texto das Décimas, de Jacques, anexo neste trabalho. Torna-se relevante a leitura desses versos tais como aparecem no livro de Ibanhes, entre outros porque não há nenhuma remissão a fontes, ou documentos, que, sob certos aspectos poderiam ser imprescindíveis à proposta da narrativa ibanhesiana. Assim introduz o narrador, "Para ela foram estes versos enviados da penitenciária":

> *"Minha querida Almerinda,*
> *Que triste foi o nosso amor,*
> *Tão longe sem ver-te, querida flor;*
> *No peito sinto saudades,*
> *No coração sinto a dor.*
>
> *Que hora infeliz que de ti me Apartei,*
> *Gozando dos teus carinhos*
> *Ausente nunca pensei,*
> *Eu sou um ente sem vida,*
> *Tu és uma flor que matei.*
> *[...] ."*
> (*apud* IBANHES, 2007, p. 84-5)

E a "quadra" do herói apaixonado dá sequência, na mesma página, às outras próximas estrofes, desta vez endereçadas a Zanir. Como também introduz o narrador: "Ao mesmo tempo escrevia para Zanir":

"Ó minha esposa querida,
Que sentes também a dor!
E sofres também saudades
De nossas horas de amor.
Onde junto à querida Ilda
Em nosso jardim de flor.

Mas tenho fé em Deus
Que aqui não ficarei
Que dentro de pouco tempo
De liberdade gozarei
E contar-te-ei um dia sorrindo
As mágoas que aqui passei" [sic]
(*apud* IBANHES, 2007, p. 84)

Além dos deslocamentos textuais, ou seja, das estrofes que constam na narrativa de Brigido Ibanhes, porém ausentes no texto das *Décimas,* o leitor pode notar, ao lado dos sinais de aspas e itálico nas estrofes, elas mesmas parecem brotar de um narrador letrado, dada a sua correção gramatical, vernácula, ou seja, traduzida em esmerada escrita que resulta dissonante à natureza das *Décimas*, e, de um modo presumível, dos manuscritos desses textos em si mesmos.

Assim, vários aspectos parecem mostrar estreita inter-relação quando analisamos tanto a narrativa (tratar-se-ia mesmo de um romance?) de Brígido, que, dentre outros artifícios, incorpora estrofes das *Décimas,* algumas inéditas no texto cuja autoria é atribuída ao anti-herói protagonista, Silvino Jacques; e, particularmente, pelo e no contexto geral do romance de Brígido, ao criar uma moldura "cronística" onde também a discussão sobre gênero se esfumaça, em consonância com a difícil apreensão da figura do anti-herói na trajetória picaresca. Quase uma metonímia das palavras do próprio Brígido, ao anunciar o vate do anti-herói, que "pulou da frigideira para o braseiro...":

> *"Meu nome eu nunca neguei,*
> *E não pretendo negar:*
> *Me chamo Silvino Jacques,*
> *E nunca procuro o mal.*
> *Ele é quem me procura*
> *E sempre há de me encontrar."* [sic]
> (*apud* IBANHES, 2006, p. 38)

Ora, como assinalamos anteriormente, o narrador do romance de Brígido caracteriza-se flagrantemente como um narrador ensimesmado, traído, se não seduzido e cúmplice dos/pelos relatos do anti-herói, pelo texto das *Décimas*, enfim, pelo contexto de tudo a que se deverá incluir ao final. Tanto é assim que, retornando ao capítulo de "Apresentação", escrito por Brígido, tantas vezes travestido em narrador autor, o leitor depara com uma proposta de relato que já anuncia que o objetivo é retratar fatos marcantes da vida de Silvino Jacques, ou "apenas narrar a realidade dos fatos que com o tempo foram se transformando em lenda, ultrapassando os limites da compreensão racional da própria história." (p. 14). Enunciado este resultante do emaranhamento que a própria tessitura e a narração robustecem através das indecisões e ambiguidades encontráveis pelo leitor, este sobreavisado pelas estratégias narrativas, pelas expressões modalizantes. No capítulo intitulado "Vila de porteiras", e após um enunciado de duas laudas (p. 38-9), o narrador do romance destaca, em parágrafo final, sua conclusão do relato, assim: "Nesse cerrado exuberante, as lendas fazem parte da mitologia popular." (IBANHES, 2007, p. 39). Como também na página quarenta e dois, após um relato de três páginas, o mesmo narrador assim finaliza o capítulo: "Fatos como esse compõem as lendas do cerrado, como é o caso do *Jasý Jaterê*. [Da mitologia guarani, entidade que deu origem ao Saci Pererê]" (IBANHES, 2007, p. 42)

Completando o ciclo desse emaranhamento, o capítulo final do romance, intitulado “Um final quase feliz”, resulta como continuação dos capítulos anteriores do romance, sem nenhuma marcação particular, exceto a expressão do desejo do narrador autor de construir um “final feliz” para sua saga –, quer dizer, dele próprio ou de Silvino Jacques? pergunta-se. Entretanto, o que o leitor lê neste relato é ainda a completa intrusão do narrador autor, de sua história como pseudo testemunha não mais da narrativa, mas da “narração” que leitor procurou deslindar ao longo do seu laborioso trabalho de, também, construir uma leitura do romance:

> No dia 26 de abril de 1941, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, unia-se pelo sacramento do matrimônio o casal Aniceto Ibanhes e Affonsa Cristaldo.
> Dessa união, numa humilde casa de taipa, com paredes de taquara trançada e reboco de barro vermelho; piso socado de cumpinzeiro e cobertura de capim, nasceu em Bela Vista (PY), na *Cálle Jataity-Corá,* em meio aos tiroteios da revolução paraguaia de 1947, um *mitãi churi, kasõ mbokai*, este contador de antigas e perigosas histórias.
> Dois meses antes do meu nascimento, o genial escritor mineiro João Guimarães Rosa, trocaletras e “letrado”, esteve na fronteira, na *Cálle Mariscal Estigarribia,* a menos de duas quadras da casa onde minha família morava.
> Guimarães Rosa relata, antes de cruzar o rio Apa, ainda na Bela Vista brasileira, se referindo a casa onde dona Zanir, por muito tempo, exerceu a profissão de cabeleireira: “com um olhar para a casa que foi do matador de gente Silvino Jacques, por causa de quem ainda há mulheres de luto, das duas bandas.”
> Pois é, e assim foi. [...] (IBANHES, 2007, p. 240-1)

Enfim, com esta forte presença do narrador autor, que, desde a página de apresentação até este último capítulo do livro, nossa própria argumentação de leitor impõe pausas para respiração.

Talvez até de hesitação.

Mas temos de reconhecer, afinal, que, a aproximação à figura do “primeiro anti-herói” da modernidade, *Lazarilho,* cujo romance anônimo,

(Anônimo do século XVI), talvez tenha inspirado o surgimento do romance moderno, a partir do século XVI espanhol, a saga de nosso Silvino Jacques guarda estreitas ressonâncias com a picaresca segundo o texto de *Lazarilho de Tormes* :

> O criador do anti-herói Lazarilho é até hoje incerto e não-sabido: foram controversas todas as tentativas de atribuir algum nome ao autor deste texto que permanece incrivelmente ágil, jocoso, irônico e bem-humorado. O filósofo e escritor Benedetto Croce considerou *Lazarilho de Tormes* uma "epopéia da fome", incluindo-o, também, na linhagem de obras como [...] *Os ratos*, de Dyonélio Machado. (*A vida de Lazarilho de Tormes.* Contracapa)

Assim, dentro dos limites deste trabalho, lembramos do meticuloso tratamento que a professora Lourdes Ibanhes (2013, p. 193) imprimiu à sua pesquisa, uma tese de doutorado sobre o assunto. Em linhas gerais, salienta a estudiosa, com visível perspicácia, que a saga de Silvino Jacques entremeia-se com o mito e a história. Do primeiro advém a ancestralidade do cavaleiro errante, da segunda advêm o texto e documentário fundadores da região. Que a palavra "saga", já escolhida pelo roteirista do filme, tem o condão de nos isentar do compromisso com uma "verdade absoluta". Seria a pista para o espectador, leitor, que apesar de estar lendo um suporte narrativo, indexado como "real", não deve confiar em tudo o que é dito, pois que a realidade completa dos fatos é incapturável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Ora, agora, no século XXI, as barreiras parecem borradas: escritores que têm os pés fincados na região são tão universais quanto aqueles que situam seus romances nos grandes centros urbanos. Por outro lado, num mundo globalizado e caminhando para a homogeneização, eles tornam-se valorizados no mercado internacional justamente porque têm um diferencial a oferecer. Para citar um exemplo: os romances e novelas de Milton Hatoum não só se passam sempre em Manaus como se nutrem da complexidade sóciocultural da Amazônia. E foi por essa razão que foi convidado pela editora escocesa Canongatea participar da coleção Mitos, cuja proposta era de que escritores produzissem novelas-releituras de lendas de seu país. Assim nasceu *Órfãos do Eldorado*, livro imediatamente traduzido para o inglês para a tal coleção. (FIGUEIREDO, 2013, p. 44-5)

A epígrafe selecionada para as considerações finais deste trabalho, a partir do ensaio de Eurídice Figueiredo, recém-publicado, quer sinalizar, antes de tudo, o elo entre os sentidos dali desprendidos e o *corpus* que compreendeu nossa análise: a narrativa de natureza localista, *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros,* de Brígido Ibanhes, escritor regionalista, do sul do Mato Grosso do Sul, na fronteira Brasil-Paraguai. Deste ponto de vista, a escolha de uma narrativa singular, de reconhecida representatividade neste contexto sociocultural fronteiriço, não foi aleatória, pois que tínhamos em vista, desde o início, enfrentar o desafio de abordar uma obra ainda pouco estuda, escassas referências bibliográficas, porém, no entanto, de forte respaldo crítico, quando consideramos o estádio contemporâneo dos estudos de crítica literária e cultural em nosso subcontinente.

Em vários aspectos de nossa análise, e de longo e precioso tempo de redação e pesquisa sobre o assunto, procuramos enfocar nossa perspectiva de análise tendo em vista o *locus* de enunciação, tanto da obra como do escritor, quanto de nossa própria inserção dentro do contexto geoistórico que nos situa, em especial no que se refere aos estudos literários de natureza comparatista, no contexto latino-americano, comumente denominados estudos de área para o subcontinente. Como provocativa da epígrafe, em sintonia com a nossa reflexão, lembramos que o escritor e professor amazonense, Milton Hatoum, autor do famoso *Relato de um certo oriente*, explica como não só sua própria obra, mas a de todo escritor, está vicariamente ligada a um “lugar” de enunciação, diríamos de pertencimento do escritor:

> Numa obra literária os traços da cor local e as circunstâncias históricas, geográficas e sociais são inevitáveis, pois o escritor está sempre rondando suas origens; às vezes, sem se dar conta, são sempre essas origens que o seguem de perto, como uma sombra, ou mesmo de longe, como um sonho ou um pesadelo (HATOUM, 1996, p. 11).

Já a crítica latino-americana, Zulma Palermo (2005), em título muito sugestivo, *Desde la otra orilla: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina* (2005), problematiza a noção de "literatura" e o lugar que se lhe atribuiria no terreno da "interculturalidade", entendida como operação política de descolonização. Dois aspectos parecem fundamentais à análise da crítica: primeiro, o de uma hermenêutica pluritópica, que, ao

> " 'pensar en lenguas', es decir, en colocar también en simetría las distintas lenguas en uso sin establecer jerarquías de poder entre ellas.", a qual "posibilita la articulalión entre distintas formas de conocimento y de comprensión a partir de la aceptación de la existencia de la diversalidad de la experiencia, de los distintos procesos de formación sociocultural – y por ende lingüística – (PALERMO, 2005, p. 174).

E, segundo, o de uma hermenêutica comparatista, que

> […] instaura una reciprocidad cultural, una interacción plural, que induce conocimento a partir del contacto con otra(s) cultura(s). El comparatista, entonces, es un intérprete que, utilizando métodos y procedimientos pertinentes a los textos culturales y a los discursos sociales que lee, se localiza en el *entre* de las culturas y de sus producciones simbólicas que contrasta para colaborar en su comprensión (PALERMO, 2005, p. 174).

Consequentemente, segundo este ponto de vista, baseados em um referencial bibliográfico, em sua grande maioria respaldado pelas leituras e discussões em disciplinas do programa de pós-graduação, na área de Literatura e Práticas Culturais, e recuperando significativas leituras da nossa especialização em na área de literatura comparada, é que procuramos construir uma reflexão que resultou na análise do *corpus* deste trabalho.

A partir do projeto inicial da pesquisa, algumas reconsiderações foram se tornando necessárias em função do desenvolvimento da escrita propriamente dita, em especial na desafiadora tarefa de operacionalização do corpo da dissertação, desde a sua sequenciação em capítulos, escolha dos seus títulos e subtítulos.

Enfim, enfrentados, com relativa persistência e disciplina, os desafios deste trabalho resultaram nesta proposta em volume, mediante o qual queremos ressaltar alguns de seus passos mais importantes e a(s) possível(eis) conclusão(ões) que formulamos, cientes do caráter provisório de qualquer "conclusão". Aliás, como lembra Jorge Luis Borges, conhecido escritor de nosso tempo, em passagem que lemos: "A ideia de texto definitivo só pertence à religião e ao cansaço".

Um dos primeiros esforços de reflexão, neste trabalho, foi o de procurar situar o escritor Brígido Ibanhes, autor de profícua produção literária, no quadro mais geral da literatura contemporânea, e da sua circunscrição no *locus* regional, fronteiriço, cuja obra singular contempla um enredo escrito às margens do rio Apa, na fronteira Brasil-Paraguai, num processo de complexidade intercultural, onde, saliente-se, ainda há carência de reflexão teórica e crítica sobre a produção literária da região, e sul-mato-grossense em particular. Entretanto, ao invés da paralisação, isso nos motivou a pesquisar e à elaboração de uma reflexão suficiente para avançarmos em nosso trabalho.

Ainda, contribuíram as leituras acerca da relação entre literatura e história, valorizando em especial o aspecto da estreita "convivência", familiar, não mais entre disciplinas, *stricto sensu*, mas na vertente da transdisciplinaridade, onde os textos se permitem ler enquanto produções de sentido, de linguagem, já em si

mesmos carregados de historicidade e da capacidade criativa demandada pelo escritor contemporâneo.

Neste particular, direcionamos nossa leitura para a apreciação do *corpus* de estudo na sua confluência com um texto gerador, as décimas gaúchas, em cuja relação deparamos com a larga tradição da oralidade, que constituiria um vigoroso espectro da literatura oral, frequentemente escrita, porém mais amplamente registrada como um composicional oral, anônimo, sem assinatura, seguindo as práticas da picaresca espanhola. Este viés de investigação resultou mais exitoso na abordagem do tema fundamental dentro da obra e da caracterização da personagem protagonista que analisamos.

Em decorrência da escolha desta abordagem, direcionamos, enfim, nossas considerações para a vida da personagem protagonista, Silvino Jacques, em consonância com sua trajetória na obra do escritor Brígido Ibanhes, mas, também, procurando acompanhar seu surgimento no texto das décimas, de Jacques, e daí sua insistente presença em uma viva tradição que discute o papel do herói e do anti-herói na modernidade.

Sem dúvida, foi este último aspecto, o da projeção do tema do anti-herói enquanto modelador dos prosadores, e sua prima face, o que mais expressividade ganhou como desfecho deste trabalho. Principalmente por termos reconhecido, no universo de discurso deste tema, que há uma representativa produção literária, nacional e de outras literaturas, que se serviram, e se servem, de um topos comum, nascido com a ancestralidade poética do homem e provenientes do cancioneiro popular, que há tempos já o consagrou.

REFERÊNCIAS

A VIDA de Lazarilho de Tormes: sua fortuna e adversidades. Prefácio: Marcelo Backes. Trad. Roberto Gomes. Porto Alegre: R&PM, 2005**.**

ACHUGAR, Hugo*. Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AÍNSA, Fernando. Nueva novela histórica y relativización del saber histórico. Cuba: *Rev. Casa de las Américas*, 2002. jan/mar, p. 9-18.

_____. Nueva novela histórica y relativización del saber histórico. *América Cahiers du Critcal.* Histoire et imaginaire dans le roman hispano-américain contemporain. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle, 1994, p. 25-39. 2 ème, IV n. 14. Série Presses de la Sorbonne Nouvelle.

BARZOTTO, Leoné Astride. O entre-lugar na literatura regionalista: articulando nuanças culturais. In: *Revista Raído.* Programa de Pós-Graduação em Letras. UFGD. Dourados, MS, p. 23-36, v.4, n.7, jan. / jun. 2010.

BARROS, Luzite G.; FLECK, Gilmei F. Discurso histórico e literário na produção de Augusto Roa Bastos. In: FLECK, Gilmei F.; ALVES, Lourdes Kaminski. (org.). *Ficção, história e memória na América Latina:* leituras e práticas. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2010, p. 83-98. (Coleção Confluências da literatura e outras áreas).

BECHARA, Evanildo *et al. Comunicação e expressão***:** 1ª série do 2º grau. Rio de Janeiro: Francisco Alves / Edutel, 1977.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O artista plástico geovisualocalizador: arte contemporânea ou o contemporâneo na obra e na crítica de arte em Mato Grosso do Sul? In: NOLASCO, Edgar Cézar; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.) *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul*: por uma conceituação da identidade local. Campo Grande, MS: Life Editora, 2011. p. 67-128.

BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. O comparatismo à beira do fim: tensões do híbrido poético. In: SCHIMIDT, Rita T. (org.). *Sob o signo do presente*: intervenções comparatistas. Porto Alegre. Editora UFRGS, 2010, p. 137-148.

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarida. *O "Martín Fierro*". Trad. Carmem Vera Cirne Lima. Porto Alegre: L&PM, 2005.

BOSI, Alfredo. As fronteiras da literatura. In: MEIHY, B.S.C. *et alli*. (org.). *Gêneros de fronteira:* Cruzamento entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.

CARVALHAL, Tania Franco. Encontros na travessia. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 7, Porto Alegre: ABRALIC, 2005, p. 169-182.

_____. Sob a égide do cavaleiro errante. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. nº. 8, Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006, p. 11-17.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo da consciência*: Questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.

CESAR, Guilhermino. *O embuçado do erval*: mito e poesia de Pedro Canga. Edição da Faculdade de Filosofia. Porto Alegre: Gráfica e Editora A Nação, 1968.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Biotempo Editorial, 2002.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

COCCO, Marta Helena. *O ensino da literatura produzida em Mato Grosso*: regionalismo e identidades. Cuiabá/MT: Cathedral Publicações, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: Literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CORREA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso*. Campo Grande: Editora UFMS, 1995.

COSSON, Rildo. Narrativa ficcional/narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas. In: Nolasco, Paulo Sérgio. (org.). *Literatura comparada*: Interfaces e transições. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

_____. A contaminação como estratégia comparatista. Belo Horizonte. 2002. Mimeografado. 5 f.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura européia e idade media latina.* São Paulo: Edusp, 1996.

FIGUEREDO, Vera Lúcia. F. de. O assassino é o leitor. In: *Matraga*. Rio de Janeiro, v.3, n. 4-5, p. 20-26, jan ./ ago. 1988.

FIGEIREDO, Eurídice. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada.* Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, 2013, p. 31-48.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GONZÁLEZ, Mario M. *A saga do anti-herói.* São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

HARTMANN, Luciana. Memória, mentira e esquecimento entre contadores de "causos" gaúchos. In: EWALD, Felipe G. *et al.* (org.). *Cartografias da voz:* poesia oral e sonora: tradição e vanguarda. São Paulo: Letra e Voz; Curitiba; Fundação Araucária, 2011, p. 169-187.

HATOUM, M. *Literatura & Memória*: notas sobre *Relato de um certo oriente.* São Paulo: Editora da PUC/SP, 1996.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. História, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

IBANHES, Brígido. *Silvino Jacques*: O último dos bandoleiros. 5 ed. Dourados-MS: Dinâmica, 2007a.

_____. *Martí*: sem a luz do teu olhar. Dourados;MS: Editora Dinâmica, 2007b.

_____. *Silvino Jacques:* O último dos bandoleiros. 6ª. ed. Dourados;MS: Gráfica Alvorada, 2011.

_____. Meu Adeus a um Matador. In: SANTOS, Paulo S. N. dos (org.). *Ciclos de literatura comparada.* Campos Grande/MS: Editora UFMS, 2000, p. 175-186.

_____. "Che retã". In: _____. *Chão do Apa:* contos e memórias da fronteira. Dourados: Editora Dinâmica, 2010. p. 21-26.

_____. Elo entre culturas e tradições híbridas da fronteira. In: SÁ ROSA, Maria da Glória; NOGUEIRA, Albana X. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus escritores*. Campo Grande: Life Editora, 2011, p. 78-88.

_____. Literatura sul-mato-grossense – O estado das fronteiras. Disponível em: http://www.midiamax.com/pontodevista/?pon_id=627. Acesso em: 10 jan. 2013.

_____. Um país chamado fronteira. In: MATULA CULTURAL. Campo Grande MS, 2010. Disponível em: http://matulacultural.wordpress.com/2010/06/05/entrevista-brigido-ibanhes-um-pais-chamado-fronteira/ . Acesso em: 31 jan. 2013.

IBANHES, Maria de L. Gonçalves de. Silvino Jacques: entre a lenda e a realidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 7, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1998. Cd-rom.

_____. *Silvino Jacques:* Entre fronteiras reais e imaginadas. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Três Lagoas: UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul / *Campus* de Três Lagoas, 2008.

_____. *Silvino Jacques: interseções no mito do bandoleiro*. 233 f. São José do Rio Preto/SP. Tese (Doutorado em Teoria Literária), IBILCE/UNESP/SJRP, 2013.

_____. "Silvino Jacques: o último dos bandoleiros - cartografias do o eu". *Revista Raido*. Dourados;MS. V. 7, n. 14. jul./dez. 2013, p. 229-250. Disponível em: http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/issue/view/120/showToc. Acesso em: 22 jan. 2014.

JACQUES, Silvino. Décimas Gaúchas. In: FALCÃO, T. G. *Crônicas e Histórias do Município de Bonito*. v.1, Bonito/MS: Edição Independente, 1978, p.15-30.

LEMAIRE, Ria. O mundo feito texto (Introdução). In: *Pelas margens:* outros caminhos da história e da literatura. DECCA, Edgar Salvadori de.; LEMAIRE, Ria. (Org.) Campinas; Porto Alegre: Editora Unicamp; Editora UFRGS, 2000. p. 9-13.

MARINHEIRO, Elizabeth. *A intertextualidade das formas simples (aplicada ao romance d'**A pedra do reino,** de Ariano Suassuna*). Rio de Janeiro: Olímpica Editora Ltda. 1977.

MIGNOLO, Walter*. Histórias locais / Projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *Elementos para uma teoria del texto literário*. Bacelona: Editorial Crítica, 1978

NOLASCO, Edgar Cézar. O que é, afinal, cultura local? In: NOLASCO, Edgar Cézar; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.) *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul*: por uma conceituação da identidade local. Campo Grande, MS: Life Editora, 2011. p. 129-185.

PAGEAUX, Daniel-Henri; MACHADO, Antonio M. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura.* Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. O comparatismo: entre tradição e renovação. In: _____. *Musas na encruzilhada:* ensaios de literatura comparada. (Organização de Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva, Rosani Ketzer Umbach). Frederico Westphalen/RS: URI; São Paulo/SP: Hucitec; Santa Maria/RS: UFSM, 2011. p. 19-42.

PALERMO, Zulma. De fronteras, travesías y otras liminalidades. In: COUTINHO, Eduardo F.; BEHAR, Lisa B.; RODRIGUES, Sara V. (org.). *Elogio da lucidez:* a comparação literária em âmbito universal; textos em homenagem a Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: Evangraf, 2004. p. 237-244.

_____. *Desde la otra orilla*: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina. Córdoba-Ar., Editora Alción, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes:* Encanto radical. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma *velha nova* história. In: COSTA, Cléria B.; MACHADO, Maria C. T. (org.). *História e literatura:* Identidades e fronteiras. Uberlândia: Editora EDUFU, 2006, p. 11-25.

PICHOIS, Claude ; ROUSSEAU, André-M. Tematologia. In: _____. *La literatura comparada*. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1969, p. 162-178.

REMEDI, José Martinho Rodrigues. História e literatura: Almas (quase) gêmeas. In: COSSON, Rildo. (org.). *O presente e o futuro das letras.* Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras; UFPel, 2000, p. 135-139.

REVISTA DE LETRAS PAPÉIS. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. v. 7, 2003 (número especial) ATAS do primeiro GELCO.

RIBEIRO, Arnor da Silva. *Silvino Jacques:* Terra, banditismo rural, poder e sociedade na Fronteira Oeste do Brasil. São Paulo: USP, 2011. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo / *Campus* de São Paulo, 2011.

ROSA, João Guimarães. Sanga Puytã. In: _____. *Ave Palavra.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 17-23.

ROSA, Maria da Glória Sá. Pelos caminhos da Literatura Sul-Mato-Grossense. In: *Revista Linguagem Viva*, ano XXI, n. 263, julho de 2001, p. 4.

_____; NOGUEIRA, Albana X. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus escritores*. Campo Grande: Life Editora, 2011.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Lestras, 2004.

SANTOS, Paulo S. Nolasco dos. Silvino Jacques: Literatura entre fronteiras reais e imaginadas. In: *Revista Ilha do Desterro.* New perspectives to history through literature. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, n.59, Jul. / Dez. 2010, p. 211-232.

_____; IBANHES, Maria de Lourdes Gonçalves. Silvino Jacques: Literaturas entre fronteiras reais e imaginadas. In: GUERRA, Vânia, M. L.; DURIGAN, M.; NOLASCO, e. Cézar. (org.). Identidade e discurso: História, instituições e práticas. Campo Grande: Editora UFMS, 2008. p. 173-190.

_____. A literatura sul-mato-grossense: intermediação do lugar. In: NOLASCO, Edgar Cézar; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.) *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul*: por uma conceituação da identidade local. Campo Grande, MS: Life Editora, 2011. p. 13-66.

_____. A literatura e o ensino hoje. In: *Revista Polifonia.* Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMT. Cuiabá-MT, v.1, p. 9-25, 2009.

_____. As aulas de Literatura no Mato Grosso do Sul. *Jornal Correio do Estado*, Campo Grande-MS, p. 7, 21 nov. 2009.

_____. Uma trajetória de pesquisa: A literatura no extremo oeste do Brasil. In: *Revista Cerrados*. Programa de Pós-graduação da UnB. Brasília. n. 19, p. 143-158, 2005.

SANTOS, Paulo S. N dos; BUSCIOLI, G. Literatura e cultura: Inter-relações constitutivas e identitárias na região sul-mato-grossense. *Revista Científica*, Campo Grande, v. 1, n.1, 2004.

SARLO, Beatriz. *Borges: un escritor en las orillas.* Madrid: Siglo Veintiuno, 2007. Capítulo 3: La liberdad de los orilleros, p. 35-57.

SCHOLES, Robert ; KELLOGG, Robert. *A natureza da narrativa.* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

SELVINO JACQUES: A saga de um bandoleiro. Filme. Direção: Hamilton Medeiros. Produção: Pepe Faviere. Roteiro: Maranhão Viegas. Trilha sonora: Marcos Romera e Claudio Abuchain. Fotografia: Márcio Padilha. Apresentação: Celso Lagos. Estúdio de áudio: MASTER CASE / Campo Grande e ESTUDIO ANGELS/São Paulo, 2006. 1 DVD (34min), widescreen, color. Montagem e finalização: Dênio Vilanova. Documentário baseado na vida de Silvino Jacques**.**

SOARES, Amora. *Minidicionário da língua portuguesa*. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas*: Ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SPERBER, Suzy Frankl. *Ficção e razão*: uma retomada das formas simples. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: FAPESP, 2009. 622p.

SUÁREZ, Casiano. *Coplas e payadas gauchas*. Buenos Aires: Ar; Editorial Guadal, 2007, 183 p.

SUASSUNA, Ariano. *A pedra do reino*. São Paulo: Editora Círculo do livro, s/d., 642p.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VIANNA, Marly (org.). *Pão, terra e liberdade*. Memória do movimento comunista de 1935. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1995.

ANEXOS